convergencia

DEZ - 1992 - ANO XXVII - Nº 258



- O CELIBATO PELO REINO: SOLIDARIEDADE COM OS ABANDONADOS — Marcello de C. Azevedo, SJ — pág. 583
- JESUS CRISTO, COMUNICADOR DO PAI Irmã Helena Corazza, FSP — página 607

CONVERGÊNCIA Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB



Diretor-Responsável: Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável: Padre Marcos de Lima, SDB (Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação: Pe. Ático Fassini, MS Ir. Lina Boff, SMR Fr. Luiz Fernando Peixoto, OFM Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Direção, Redação, Administração: Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JA-NEIRO - RJ.

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici', à página 10: "Século XVII. Ressalta a figura do Padre Antonio Vieira, grande orador jesuíta (1608-1697). Vieira tenta rejeitar, com a mão direita, os navios holandeses que se aproximam da costa de Salvador. Diante do Santíssimo exposto (e por mais de 15 dias!), fez belíssimos sermões entre eles aquele contra os holandéses (1640): 'Como a causa, Senhor, é mais vossa do que nossa'". Pe. Antônio Vieira nasceu em Lisboa e morreu em Salvador, BA. Teve uma larga e tumultuada experiência de vida: intensa atividade diplomática em Haia (Holanda) e Rouen (França). Vítima de intrigas políticas, é condenado pela Inquisição e encarcerado por dois anos em Lisboa. Brilhante em missão em Roma. Orador de fama em toda a Europa. Partidário eventual do sebastianismo, exerceu forte influência junto à corte de Dom João IV. Seus Sermões (15 volumes) são um monumento de Literatura Barroca e de Ciência Política. Catequista, apela para Deus. Político nacionalista, investe contra os hereges do Príncipe Maurício de Nassau. Missionário, se consagra à conversão do gentio e à luta contra a escravização do índio aldeado e instruído nos rudimentos da fé. Percorreu 600 léguas de florestas. Construiu 16 igrejas. Conseguia se expressar em sete línguas nativas, o que facilitou seu trabalho catequético. No espírito da Cruzada e da Conquista espiritual, onde o colonizador é missionário e o missionário é colonizador, a Catequese, por vezes, fica resumida assim: fazer do índio bravo um . índio manso; do gentio, um cristão; do nômade, um sedentário, usando como estratégia, a violência. Na Catequese, na Evangelização, importante não é só o que já aconteceu, mas o que cada um pode ainda fazer acontecer para inculturar a fé, ou seja: discernir os valores autênticos da cultura, conhecer suas raízes, assumir o que é compatível, purificá-la, redimi-la. Lendo Convergência, mensalmente, em 1992, Você descobrirá esta perspectiva com relação à Vida Religiosa (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DP.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	577
INFORME DA CRB	579
POLARIZAÇÕES E ÊNFASES DA VIDA RÉLIGIOSA NO CONTEXTO DA XVI AGO Pe. Edênio Valle, SVD	592
O DOCUMENTO 47 DA CNBB: EDUCAÇÃO, IGREJA E SOCIEDADE Dom Aloysio J. Leal Penna, SJ	602
O EMPENHO APOSTÓLICO DA IGREJA COM OS IRMÃOS NÔMADES Pe. Paulo Pedro	615
OS JOVENS E A IGREJA Pe. Hilário Dick, SJ	622
ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR Irmã Yolanda Nascimento, MJC	637

EDITORIAL

Ciclicamente completamos mais um espaço anual, onde, em uma terra cheia de ritos e símbolos, é costume fazer-se avaliação, balanço de caminho percorrido. O de CONVERGÊNCIA é expressado pelo trabalho de ir. Yolanda Nascimento através do cuidadoso índice de cada artigo publicado em 1992, e que retrata nossas atenções para com a Assembléia dos Religiosos (XVI AGO), Santo Domingo, a crise brasileira, os temas mais candentes para uma vida religiosa sempre atenta aos sinais dos tempos e aos desafios para uma real solidariedade com o povo de nosso continente.

Foi um ano em que se viu a remoção jurídica e pacífica de um presidente da República, fato inédito em nossa história. A crise política, com todas as suas ambigüidades, mostra cada vez mais sua verdadeira face. É na ordem moral, entretanto, que talvez se imponha o maior desafio de contribuirmos eficazmente na luta pela mudança nos padrões éticos e nos valores culturais da sociedade brasileira a partir de experiências comprometedoras Deus de Jesus Cristo. A crise vai do tráfico de drogas na favela ao tráfico de verbas no governo. Ou no Congresso. Vai do desperdício de recursos escassos no setor público à sonegação de impostos e encargos no setor privado. A corrupção vai da oferta de produtos mal fabricados à execução

de projetos mal priorizados. Vai do lucro ganancioso das empresas privadas ao rombo cavernoso das empresas estatais. Vai do empreguismo eleitoreiro ao corporativismo excludente do qual não escapam nem mesmo sindicatos e associações de classe. Vai do salário mínimo aviltado ao seguro social subtraído. Vai da falta de algodão no hospital à evasão de merenda na escola. Entre nós, na sociedade brasileira, a corrupção dá carona à evasão de renda no futebol, à retenção do produto no atacado, à prepotência do burocrata no governo, à indisciplina do motorista no trânsito, à pornografia gratuita na televisão, à demagogia em véspera de eleição e jamais cumprida depois, à cumplicidade com a falta de indignação. É evidente que não cabe à Vida Religiosa imiscuir-se em todos estes problemas e, muito menos, resolvêlos. Enquanto memória articuladora da comunidade dos que crêem, entretanto, nenhum destes tópicos pode estar ausente de nossa prospectiva pastoral tendo em vista a inserção no real. Aos poucos a sociedade parece resignar-se à aparente imutabilidade das situações mas nós não podemos silenciar nossa voz.

Até mesmo o celibato pelo reino, lembra-nos o p. Marcello Azevedo em seu artigo, é instrumento para resgatar, pela força do Espírito, as sementes de vida

que são percebidas nesses acontecimentos e nas pessoas mais atingidas por uma maligna organização estrutural da sociedade onde o pobre não tem voz ou vez. Analisando as "Polarizações e Enfases da Vida Religiosa no contexto da XVI AGO", p. Edênio Valle, presidente da CRB Nacional aponta dezesseis pistas que nos podem ajudar, diante do quadro nacional e eclesial, a redimensionar nossos compromissos com a realidade do povo brasileiro. Uma área seguramente prioritária é a da Educação e sobre ela d. Aloysio Penna apresenta o último documento da CNBB. Também ir. Helena Corazza nos coloca o problema da comunicação com esta sociedade tão diferente do mundo do Evangelho, mas para a qual se impõe o anúncio da Boa Nova transformadora e reparadora das relações fraternas. Finalmente uma situação concreta: o mundo de nossos irmãos nômades, sobre o qual nos relata o p. Paulo Pedro, da arquidiocese de Belo Horizonte, destinado a essa pastoral que, somente com os ciganos, atinge uma população maior do que a dos indígenas deste país. E, por

último, p. Hilário Dick, faz uma retrospectiva sobre a Campanha da Fraternidade de 1992 com o tema dos Jovens e sua relação com a Igreja, relembrando a desproporção de recursos pastorais que são postos a serviço dos jovens, principalmente após a Crisma, e a redução em muitos lugares da Pastoral de Juventude a um mero "encontrismo" moldado em movimentos de adultos. Será impensável retomarmos os níveis de participação na vida da sociedade que a antiga Ação Católica provocou em tantos de nós?

Ao completar ciclicamente mais um espaço anual, somos ainda lembrados do que é capaz o Amor de Deus: tão intensamente identificar-se conosco que, apaixonadamente, se torna um de nós na mais frágil das criaturas humanas — uma criança! Que no ato de fé radical, ajoelhados diante desse "escondimento amoroso" como diziam os antigos, nos seja a todos possível dizer mais uma vez, "meu Senhor e meu Deus"! E assim será Natal para todos nós...

P. Spencer Custódio Filho sj

Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré Filho de Deus, não forem anunciados. Por isso, as cristologias redutivas, cujos desvios assinalei em diversas ocasiões, não podem aceitar-se como instrumentos da Nova Evangelização. João Paulo II, Discurso de Abertura da IV Conferência Geral do CELAM, 12 de outubro de 1992, em Santo Domingo, República Dominicana.

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

IRMAS SALVATORIANAS EM ÁFRICA

"Eis que o Senhor, teu Deus, vai te introduzir numa terra boa..." (Dt 8,7). "Mas onde está o cordeiro para o holocausto? É Deus quem proverá..." (Gn 22,7).

Com estas citações queremos deixar para nossos leitores, pessoas amigas e queridas, a mensagem de vida que experimentamos neste momento. Após quase dois anos de reflexões, meditações, partilha de nossas inspirações, decidimos deixar-nos conduzir pelo bom Deus para uma terra boa. Nossas preocupações foram colocadas nas mãos de Deus, que também para nós, assim como fez com Abraão "proverá o que for necessário".

Queremos, com esta decisão, tomada em profundo discernimento com as luzes do Espírito Santo, estar atentas, como nos solicita Deuteronômio no Capítulo 8,11: "Contudo fica atenta a ti mesma, para que não esqueças a lahweh teu Deus, e não deixes de cumprir seus mandamentos..."

Sabemos que o mandamento do Senhor é o AMOR. Queremos amar, doar nossa vida para a maior glória de Deus.

Por que nossa missão na África? — Viemos acompanhando a caminhada de nossa Província com muito carinho. Esta, após o Vaticano II, deu passos significativos de abertura e compromisso com os mais empobrecidos. Hoje temos em terra de missão, no Brasil, mais especificamente na Bahia, 19 Irmãs servindo, com alegria, aquele povo sofrido. Colocamo-nos à disposição, a serviço. Querendo também ser fiéis ao carisma de nossos Fundadores, escolhemos este país para "TORNAR JESUS CRISTO CONHECIDO E AMADO EM QUALQUER PARTE DO MUNDO".

Como Irmãs Salvatorianas, escolhemos a África como lugar de missão hoje, por ser este país considerado um dos países mais empobrecidos do 3º mundo. "Conscientes também de que a fé sem obras é morta, queremos concretizá-la".

Outro motivo é que estamos vivendo, na América Latina, os 500 anos de Evangelização e nos perguntamos: Diante da realidade acontecida com os povos marginalizados da AL, dentre eles temos o negro que veio para cá a fim de ser o construtor braçal deste país e que até hoje é considerado "massa sobrante", refletimos — não está este povo a gritar aos nossos ouvidos que devolvamos a ele o direito de viver? Por isso optamos pela África. Sentimonos compromissadas. Temos uma dívida de 500 anos.

Queremos, queridos leitores, com esta atitude, marcar presença lá onde vamos

— Moçambique é o país, na Diocese de Chimoio, queremos que aconteça um NOVO CÉU — UMA NOVA TERRA e juntas com aquele povo também queremos fazer acontecer o Reino de Deus, aqui e agora.

Sabemos que vamos para aprender. Vamos em atitude de escuta. "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Lc 20,21). Queremos, através deste texto, confirmar nosso compromisso como Irmãs Salvatorianas, jurando obediência a este povo africano, que é um povo "consagrado". Queremos amá-lo em profundidade e ser fiéis a seus princípios de vida.

Que este lugar e este povo escolhido por Deus, nos abençoe e nos dê força para que nesta terra de missão possamos ser fiéis a esta promessa de fidelidade, justiça e paz.

Vamos fazendo o caminho, desejando, neste percurso, conhecer cada vez mais profundamente a Deus. Deus que só conheço porque reconheço sua presença em mim, nas coisas, nas pessoas, no mundo. Amamos o Deus da vida. Por isso dissemos SIM.

Irmã Elzi Bittencourt Irmã Lucila Rancati

JOSELEITOS DE CRISTO REALIZAM CAPÍTULO GERAL

Nós membros da Sociedade Joseleitos de Cristo, reunidos em Capítulo, na Casa Mãe, em Tucano (Diocese de Paulo Afonso), BA, queremos expressar nossos anseios de podermos servir melhor à Igreja, e, nesta, a Deus e ao seu Reino. É esta a nossa busca fundamental. (Cf. Mt 6,33).

É o primeiro Capítulo Ordinário que realizamos sem a presença física do nosso querido Fundador Pe. José Gumercindo Santos, chamado por Cristo para o lugar por ele preparado na Casa do Pai (Cf. Jo. 14,2) aos dez de setembro de 1991. A sua presença era a espiritualidade e o Carisma da nossa Congregação vivos. A partir de agora o que vamos fazer é nadar no lago das interpretações de forma reverente e atenta frente ao patrimônio espiritual que ele nos deixou.

Aprofundando cada vez mais a nossa identidade, queremos estar em consonância com os objetivos pastorais da Evangelização, que o Espírito Santo diz à Igreja, particularmente presente no Brasil e na América Latina.

A formação para todos os níveis, a administração econômica e partilha fraterna, os encaminhamentos para aprofundamentos da Espiritualidade e Carisma e a Eleição do Diretor Geral e Assistente Geral foram os eixos principais do Capítulo.

Para o serviço da Coordenação (moderações) foram eleitos, Diretor Geral: Pe. Raimundo Ribeiro Martins. Assistente Geral: Pe. Claumino Carlos Freitas e para Conselheiros Gerais: Pe. José Policarpo Silva, Pe. João Benevides Rosário, Pe. Francisco de Barros Barbosa, Pe. Francisco Gonçaives de Souza e Pe. Hélio de Oliveira Alves.

Registramos aqui, com imenso prazer, o apoio, como pastor Amigo, de D. Mário Zanetta, Bispo da Igreja de Paulo

Afonso e Protetor da Congregação. E de D. Acácio Rodrigues, Bispo de Palmares — PE que com sua presença carismática muito nos enriqueceu, tanto na orientação do nosso Retiro, quanto na assessoria canônica do Capítulo. Deles recebemos o incentivo para vivermos o nosso ideal, sermos fiéis ao Carisma sem, contudo, nos encapsularmos nos problemas e trabalhos internos.

Depois de avaliar satisfatoriamente o conjunto de situações, achamos por bem que, em janeiro de 1995 realizemos um Capítulo Extraordinário com a finalidade de reformar as Constituições. Julgamos de grande importância essa empreitada, pois será uma construção coletiva e as decisões serão tanto mais genuínas, fiéis ao ideal original, quanto mais forem preparadas na oração, participação e partilha.

Atualmente a Congregação atua em Paróquias (maior parte), Obras Assistenciais e em Colégios. Aos paroquianos, crianças abandonadas, órfãos e alunos fica o nosso empenho em convivermos na alegria da simplicidade, buscando os mesmos sentimentos do Cristo Jesus. (Cf. Fl 2,3-11). Ele é a nossa paz (Ef 3,14).

Temos consciência de que o Espírito Santo nos aponta pelos "sinais dos tempos" outros desafios dentro mesmo das nossas finalidades. Por exemplo: na área da educação: educação e pastoral popular, pastoral de juventude nos moldes de grupos de base, pastoral operária com jovens a partir das experiências em técnicas e cursos profissionalizantes, pastoral rural a partir dos problemas da população camponesa etc...

Tudo isto encontra eco nas palavras do Pe. Fundador, no último capítulo do seu

livro póstumo: "Quarenta anos no Deserto" (Pg 409): "Nossa Sociedade nasceu para dar padres e religiosos para a Igreja de Deus ... Os anos 40 já previam a crítica situação das vocações no país ... A nota específica ... era recebê-las todas gratuitamente..."

"A segunda obra prioritária da Sociedade é a instrução em Educandários, Ginásios e Colégios..."

"A terceira ... é a proteção à infância e à velhice, nos orfanatos e nos lares, ação essa que já desenvolvemos com especial carinho e que sintoniza com o lema de minha ordenação sacerdotal: "A ti deixei o meu pobre, tu serás a ajuda do órfão".

"Devemos levar à frente os pequenos movimentos de pequenas oficinas que estimulem nos moços da classe operária tais atividades ... Faço votos a Deus que esse setor cresça nas nossas obras.".

"A quinta obra é cumprida nos trabalhos do campo, em Vila de Assistência aos agricultores, orientando-os nas atividades próprias da zona rural e dandolhes o devido apoio, sempre que necessário for".

"... Aceitamos as paróquias e o faremos com verdadeiro amor e zelo missionário..."

A meta de Deus para o seu povo é a santificação (Cf. 1Ts 5), que consiste, antes de tudo, numa imitação de Cristo Vivo, buscando a sua face para conformar a nossa à dEle, e encontrar forças para prosseguir. "Não escondas de mim a tua face, Senhor" (SI 27,8). Só assim, não voltaremos os olhos para os ídolos do poder, do ter e do prazer; veremos

as feições desfiguradas do Cristo Senhor nos pobres e órfãos: "A ti eu deixei o meu pobre, tu serás a ajuda do órfão" (SI 10,14).

Estes versículos dos salmos foram os dois lemas do nosso padre Fundador desde sua ordenação sacerdotal e que, realizando em sua vida, nos legou.

Contando com as preces de todos e a graça do Senhor, realizaremos com alegria a missão que Ele próprio nos confiou.

A reta consciência do teólogo católico supõe a fé na Palavra de Deus, o amor à Igreja, da qual ele recebe a sua missão, e o respeito pelo magistério divinamente assistido, João Paulo II.

Uma hora de graça

Sentimos muito viva nesta celebração a presença de Jesus Cristo, Senhor da História. Em Seu nome se reuniram os Bispos da América Latina nas Assembléias anteriores — Rio de Janeiro em 1955; Medellín em 1968; Puebla em 1979 —, e em Seu nome nos reunimos agora em Santo Domingo, para tratar o tema Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã, que engloba as grandes questões que, de aqui para o futuro, deve enfrentar a Igreja diante das novas situações que emergem na América Latina e no mundo. Esta é uma hora de graça para todos nós e para a Igreja que peregrina na América. João Paulo II, Discurso de Abertura da IV Conferência Geral do CELAM, 12 de outubro de 1992, em Santo Domingo, República Dominicana.

Nova Evangelização, chamada à conversão

Hora de graça e de grande responsabilidade também. Diante dos nossos olhos já se vislumbra o terceiro milênio. E se a Providência divina nos convocou para Lhe dar graças pelos quinhentos anos de fé e de vida cristã no Continente americano, com maior razão podemos dizer que nos convocou também para renovar-nos interiormente e para distinguir os sinais dos tempos. A chamada à Nova Evangelização é antes de tudo uma chamada à conversão. De fato, mediante o testemunho de uma Igreja cada vez mais fiel à sua identidade e mais viva em todas as suas manifestações, os homens e os povos poderão continuar a encontrar Jesus Cristo e, nele, a verdade da sua vocação e da sua esperança, o caminho em direção a uma humanidade melhor. João Paulo II, Discurso de Abertura da IV Conferência Geral do CELAM, 12 de outubro de 1992, em Santo Domingo, República Dominicana.

O CELIBATO PELO REINO: SOLIDARIEDADE COM OS ABANDONADOS

Celibato: coração indiviso, aberto ao Senhor. Orientação escatológica para um amor definitivo. Disponibilidade maior para o serviço apostólico. Dimensões ainda válidas. Mas não serão insuficientes?

Marcello de C. Azevedo S.J.

Rio de Janeiro, RJ

Fidelidade criativa da vida religiosa na América Latina

A vida religiosa foi implantada na América Latina nos moldes de sua matriz européia. Ao marcar os 500 anos de colonização e de evangelização deste continente, percebemos quanto os conteúdos culturais e religiosos, as instituições e o conjunto de normas e padrões sociais foram transplantados da península ibérica e implantados neste continente latino-americano, em uma perspectiva de transculturação, de aculturação. A vida religiosa está entre as instituições que mais intocadas passaram o Atlântico. Repetiu, não raro, do lado de cá, os mesmos paradigmas, com traços e fisionomias idênticas às dos modelos de suas origens espanholas e portuguesas, depois também, francesas e ita-

lianas, alemãs e holandesas, para só mencionar os contingentes nacionais de maior presença de religiosos e religiosas em nossos países, ao longo destes cinco séculos. Basta ver o estilo de vida religiosa que era vivida nos conventos monumentais que nos ficaram em boa parte de nossas capitais. Basta recordar a transmigração de congregações ensinantes e hospitalares que para cá vieram paralelamente às grandes imigrações do século XIX e XX, trazendo sua língua, seus hábitos e costumes, seu modo de ver e avaliar o mundo, as pessoas e situações e, por aí, de desenhar um perfil de Igreja que, até à segunda guerra mundial era de inequívoca inspiração e extração européia.

Apesar desta fidelidade ao modelo de fundo, creio que em três tempos maiores, a vida religiosa neste continente emergiu em termos próprios e deu a sua contribuição inconfundível à vida religiosa como um todo, na Igreja.

* Primeiro, ainda na época da colonização, quando teve que enfrentar-lhe os pressupostos e as consequências. Isto se manifestou no conflito entre missionários e colonizadores sobretudo no tocante a concepção de pessoa e dignidade humana, na clivagem entre postulados evangélicos e exigências hegemônicas do poder econômico colonizador extrativista. Com todas as suas inegáveis incoerências e limitações, a luta pela liberdade e respeito dos índios, com eles e por eles, sob várias formas, é uma saga de importantes segmentos da igreja no continente que teve impacto sobre a vida religiosa. Infelizmente, não podemos dizer outro tanto da defesa e respeito dos negros, vindos da África como escravos, e que se tornaram ponderável componente tanto da população como da economia de diversos países das Américas.

* Segundo, ao desenvolver uma evangelização sem precedentes até então. Sublinho duas características importantes.

De um lado, realço o esforço para atingir a cultura local através da apropriação criativa de suas línguas, colocando-as através dos autos e do teatro a serviço da transmissão dos conteúdos da fé cristã. Isto não era por si uma novidade.

Já havia os precedentes de Patrício, na Irlanda, de Agostinho, na Inglaterra, de Bonifácio na Alemanha e, sobretudo, de Cirilo e Metódio, entre os povos eslavos. Mas, na América Latina, a realização deste esforço se destacou pela sua complexidade diante da multiplicidade das línguas autóctonas, do desconhecimento total de sua estrutura original e da ausência de tradição escrita entre a esmagadora maioria dos habitantes destes imensos espaços.

De outro lado, reconheço a liberdade ativa, — simbólica e estética, artística e arquitetônica —, com que se implantou o cristianismo nestas terras. Ressalta a capacidade de inovar e marcar identidade própria em relação ao que era a exuberante eclosão do barroco da Contra-reforma na Europa e o impulso de sua universalização. Esta se fazia precisamente através da coincidência de colonização e evangelização ibérica não só na América Latina, mas também em enclaves precisos na Asia (Goa, Macau, Timor, Filipinas) e da África, em vários pontos de alcance futuro. As missões franciscanas ao longo da costa da Califórnia e as missões jesuíticas por todo o litoral do Brasil, são apenas dois entre muitos exemplos marcantes desta capacidade transformadora, que descobriu, suscitou e valorizou tantos artistas e artífices, músicos e coreógrafos, em terras americanas. Poderíamos recordar a contribuição específica da tradição beneditina, carmelita, mercedária, e outras mais recentes, que

efetivamente representaram, sob alguns aspectos, um impulso criativo da vida religiosa entre nós, em que pese, no século XIX, a força de uniformidade decorrente do que se chamou o processo de "romanização".

* Terceiro, bem próximo de nós, a fase pós-Vaticano II. A leitura latino-americana do concílio, através das Assembléias Episcopais de Medellin (1968), de Puebla (1979) e de São Domingos (1992), apontou, na Igreja toda do continente, para rumos que tornaram em boa parte autônoma em sua criatividade a vida eclesial na América Latina. A originalidade desta leitura surgiu de seu ponto de partida: a atenção à própria realidade de nossa situação. Um continente marcado por grande pobreza e dependência, pela violência e opressão não só em suas manifestações, como sobretudo em suas instituições e corpos legislativos. Ler o evangelho e configurar a vida eclesial e, nela, a vida religiosa latino-americana, à luz deste contexto real era alguma cousa que não encontrava paralelo nem inspiração nos referenciais anteriores do Primeiro Mundo, no berço ocidental e mediterrâneo de nossa cultura e religião. A opção profética, solidária e preferencial pelos pobres sintetizou, como princípio e critério, a configuração da ação pastoral da Igreja e, nela, de boa parte da vida religiosa, neste último terço do segundo milênio. Nossa vida eclesial e nossa vida consagrada aqui têm sido uma contribuição original e singular à Igreja mundial, com intuições assumidas por diversas Igrejas locais e muitas vezes sublinhada pelo Papa João Paulo II.

É vasta e bem conhecida a bibliografia sobre a evolução e transformação da vida religiosa entre nós nesta fase recente de sua vida. É significativa sua repercussão também sobre igrejas de outros continentes, através da relação interprovincial de cada congregação, ao nível dos capítulos gerais e do mútuo conhecimento e diálogo intereclesial que a informação ou a colaboração em projetos comuns tornaram possíveis. A inserção (o deslocamento geográfico, territorial e ambiental dos religiosos — e sobretudo das religiosas — para as periferias urbanas pobres ou para as áreas depressas do mundo rural) se tornou uma forma importante de concretização e vivência da vida religiosa entre nós, com consequências sensíveis sobre a concepção e a configuração da vida consagrada. Mas também a percepção das novas urgências no delinear nossa ação apostólica, das necessidades específicas na formação e de uma nova fundamentação e compreensão dos votos religiosos marcou esta fisionomia pós-conciliar da vida religiosa entre nós.

É nesse contexto que tem sentido o enfoque de nosso tema: o celibato pelo Reino: solidariedade com os abandonados.

Os dilemas da Encarnação

O referencial e a mediação decisivos de todo o processo de libertação da humanidade por Deus e de sua comunhão com Ele é o Verbo feito Ser Humano em Jesus, o Cristo. Esta perspectiva tão concreta da Encarnação (Fil 5,2-11) não tinha, porém, como contornar dois dilemas.

Primeiro. Na intenção divina, salvífica e universal, de redimir e libertar a humanidade de todos os tempos e latitudes, através do Filho de Deus feito ser humano em Jesus, não era possível ter um Jesus plenamente encarnado, sem concretizar-lhe tempo e lugar, cultura e tradição. Um Cristo a-histórico e desenraizado teria esvaziado o sentido e a confiabilidade da Encarnação. Jesus nasce, pois, num tempo e num espaço, com família e genealogia, numa cultura e tradição particulares. O Verbo encarnado em Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, particular no humano concreto de sua realização e universal no alcance sem fronteiras da projeção de sua presença e missão (Mt 28,18-20; Mc 16,15). O dilema do universalparticular é assim resolvido em sua fonte. Ele o será, com maior ou menor felicidade e coerência, no aprofundamento constante da fé da Igreja e de sua reflexão teológica. Ele tende a emergir sempre melhor em nossa consciência missiológica atual da necessidade de uma evangelização inculturada, que construa unidade da fé na multiplicidade de expressões culturais.

Mas há um outro dilema igualmente ineludível. Deus, o transcendente e totalmente outro, não tem, com a

realidade material da criação e da humanidade nela, qualquer base comum que nEle implique a dimensão da sexualidade, elemento central da vida no plano criado, humano sobretudo. No entanto, para concretizar a Encarnação, para ser realmente um de nós, era indispensável assumir a sexualidade, parâmetro fundamental da realidade humana. A ciência hoje nos faz saber que a humanidade se concretiza não na dicotomia irredutível e sim na mútua complementaridade e integração do masculino-feminino, sem que uma destas vertentes possa pretender exclusividade, hegemonia ou superioridade. Na sua inegável diversificação, o masculino e o feminino são expressões diferentes da mesma realidade humana. Ademais, a antropologia, a biologia e a psicologia nos mostram, no seu estágio atual, que o masculino e o feminino se fazem presentes e atuantes um no outro. Não se pode compreender um sem o outro. Todavia, apesar desta íntima correlação, é evidente que a concretização antropológica, biológica e psicológica, da humanidade se faz efetivamente através de seres humanos distintos que são, de fato, homens e mulheres. Ao realizar pela Encarnação Seu plano de salvação, Deus — que não pode ser conotado em termos antropomórficos de sexualidade — não tinha como não ser humanamente sexuado no ser humano em que se encarnasse. Em Jesus, o Verbo divino que se fez ser humano, fez-se de fato, masculinamente humano. Esta individuação de seu específico, iria definido no contexto sócio-cultural de sua gente, de seu tempo e de seu lugar, com as consequências disto decorrentes.

Fundamentação cristológica do celibato consagrado

Uma das melhores maneiras de descobrir as intenções de uma pessoa é identificar suas opções e decisões. Constatá-lo em Jesus pode ajudarnos a compreender melhor ainda o nosso tema. Que caminhos ele tomou em sua vida, efetivamente, quando podia ter escolhido outros?

- * Jesus decidiu ser batizado por João Batista, ainda quando dissua-dido por este. Mas Jesus mesmo não adota o batismo como elemento de sua ação profética. Não consta nos evangelhos uma notícia do batismo de alguém por Jesus.
- * Em que pese a rápida difusão pós-pascal da universalidade de sua mensagem (Mt 28,18-20; Mc 16,15; Lc 24,46-48), Jesus, em sua vida pública, deixa claro que o território de Israel é o espaço de sua ação e que ele veio para as ovelhas perdidas da casa de Israel. Haverá pequenas exceções em relação a pessoas e territórios, mas sempre evidenciando o eixo central de sua ação. (Mc 1,23.32.34.40; 2,3.15.17; 3,1; 9,17-18.42; Lc 4,18; 5,27; 6,20-21; 7,34.37.39; 10,21; 11,46; 14,13-21; 15,1; 18,10; 13,22 e paralelos em Mt; Jo 7,49; 9, 1-2.8.34).
- * Jesus opta por um perfil profético em sua atividade messiânica, em

contraposição a tendencia de um perfil político, que predominava na consciência do povo e de seus líderes em relação às expectativas sobre o messias.

and the state of t

- * Jesus escolheu não se filiar a nenhuma das categorias políticas e religiosas de seu tempo: herodianos, romanos, zelotes, essenianos, saduceus, fariseus, sacerdotes, anciãos, levitas, escribas. Teve, no entanto, um impacto político-religioso de grande alcance.
- * Jesus, sem excluir as categorias de pessoas acima enunciadas, dedicou a maior parte de seu tempo e energia àqueles que essas mesmas categorias político-religiosas discriminavam ou excluíam: os publicanos, os pecadores, as prostitutas, os enfermos (coxos, cegos, surdos, mudos, possessos), os famintos e perseguidos, os cativos, as mulheres, as crianças, ou, numa palavra, os pobres, os oprimidos, os abandonados de todo tipo.
- * Jesus, sendo homem, opta por viver sua missão e consagrar-se a ela, como celibatário. Ele não só não se casa nem constitui família, mas deixa mesmo sua família, seu lar e sua terra e parte para anunciar o Reino de Deus (Mc 1,14-15). Ao longo de sua vida pública, revela um relacionamento interpessoal sadio, manifesta uma afetividade integrada, afirma-se um homem notavelmente aberto aos outros e profundamente livre em relação ao poder civil, religioso e cultural de seu tempo. Além disso, Jesus torna cla-

ra sua relação filial de amor com o seu Deus, um amor total e indivisível, que lhe dá sentido e rumo à vida (Mt 11,25-27; Lc 10,20-22). Deus é o seu referencial, buscado sempre, na palavra e no silêncio, na pregação e na oração.

Estas opções e outras muitas que poderíamos levantar facilmente no texto evangélico traduzem uma lógica interna na percepção de Jesus por si mesmo e na constante procura e identificação da vontade do Pai sobre ele, alimento de sua vida (Jo 4,32). Mas as duas últimas opções indicadas — a do celibato e a da preferência definida pelos marginalizados — parecem completarse de modo surpreendente e projetar-se como uma opção e decisão de fundo. O celibato pelo Reino se realiza e se afirma na solidariedade com os abandonados. A unicidade de seu amor ao Pai fecunda a sua constante e livre abertura para todos, particularmente os pequenos e oprimidos. Por sua vez, essa abertura aos outros, na qualidade nova das relações interpessoais e sociais de comunhão, fundada na verdade e na justiça, traduz o sentido libertador da missão de Jesus, condição de nossa própria missão e de nossa comunhão com o seu Pai que, nele e por ele, se faz nosso Pai.

Celibato pelo Reino: solidariedade com os abandonados

Por muito tempo, sublinhou-se na vida religiosa uma tríplice dimensão

da castidade vivida no celibato consagrado. Primeira, a união com Deus, na afirmação da unicidade do amor de um coração indiviso, aberto ao Senhor, sem a mediação e dependência de um amor humano. Segunda, a orientação escatológica para o amor definitivo, através da tradução na história de uma retidão e pureza interior, virtude e valor moral, luta e ideal, esforço e utopia, marca visível de um projeto espiritual de santificação pessoal. Terceira, a orientação funcional de uma disponibilidade maior para o serviço apostólico, sem a vinculação familiar a pessoas ou a lugares e situações (Lc 11,28; 12, 49-53; Mt 12,14-50). Com ênfases diferentes e sem pretensões exclusivas de alguma delas, estas três dimensões permanecem ainda válidas em nossa compreensão atual da castidade consagrada.

Mas, para uma vida religiosa vivida na América Latina e no Terceiro Mundo, nestes espaços geográficos e culturais, sociais, econômicos e políticos, marcados pela injustiça e pobreza, pela violência e opressão, pela solidão e marginalização de milhões de homens e mulheres, crianças e idosos, essa perspectiva do celibato consagrado é insuficiente.

A inserção territorial e ambiental sempre maior de comunidades e de pessoas religiosas em meios pobres e miseráveis, a sensibilidade crescente aos milhões de menores abandonados, a percepção do drama dos sem terra, sem teto e sem trabalho,

a consciência de multidões que não têm condições humanas de alimentação, de saúde e de educação, a dificuldade para tantos de escuta da palavra de Deus e da própria evangelização, tudo isto como que enfeixa o amor total e integrado de Deus e do próximo e reorienta de modo urgente e global o potencial humano da afetividade consagrada na castidade vivida em celibato. Torna-se evidente e incontornável a inspiração cristológica original do celibato de Jesus. Por livre opção, ele dedicou aos pobres de seus dias o máximo de seu afeto, de seu tempo, de suas energias. Ele se fez livre para eles e alimentou por seu amor a eles a expressão concreta de seu amor ao Pai. Aquele mesmo que o enviou para ser vida, trazer vida e partilhá-la em abundância (Jo 10,10). Nesta perspectiva cristológica, o celibato consagrado não é renúncia ao amor. Pelo contrário, é a ilimitada afirmação de amor concreto e real, amor cujos destinatários são precisamente os mais carentes de amor e, por isso mesmo, aqueles cuja vida parece ter tão pouco de vida e se revela tão vincada de morte. O consagrado em celibato não multiplicará a vida biológica, mas resgatará, pela força do Espírito, as sementes de vida latentes nos que carecem de amor. Isto não é novo na Igreja e, menos ainda, na configuração específica da vida religiosa. Isto foi mesmo inspiração de muitas fundações ao longo dos séculos. O que é novo é a percepção de como o pobre em nosso mundo deixou de ser figura

isolada e episódica, sociologicamente identificável, setorialmente tratável. O pobre tornou-se entre nós um inevitável produto da própria organização estrutural da sociedade.

À luz desta percepção, o celibato consagrado não é uma retirada do mundo, em busca de uma virtude pessoal ou de uma demanda solitária de crescimento espiritual. O celibato na vida religiosa não se pode limitar ao horizonte válido mas restrito de um valor contracultural, em um mundo pansexualizado, consumista e hedonista. Em um mundo que reduziu distâncias e tornou instantânea a comunicação, o celibato não é um mero recurso funcional a serviço da mobilidade dos agentes evangelizadores e pastorais. Isto poderia ser obtido e o está sendo efetivamente em outras denominações cristãs com pastores não celibatários.

O celibato consagrado num sul empobrecido

O enfoque que aqui oferecemos nos conduz à leitura de um celibato que retoma e deseja atuar na integra o referencial cristológico primigênio do paradigma evangélico.

Por um lado, na perspectiva do Reino de Deus, assim como vivida pessoalmente por Jesus Cristo, o celibato foi para ele e pode ser para os que ele chama a segui-lo desta maneira, uma presença protendida para uma ação transformadora (Fil 3,13-14), uma existência vivida na solidariedade assumida com os que mais precisam desta transformação da vida, da sociedade e do mundo em que vivemos. Esta dinâmica de solidariedade e transformação é expressão de um consistente e fecundo amor ao próximo. Ela não só não esvazia a capacidade afetiva de amar do ser humano que se consagra no celibato, mas a potencia sempre mais, na exigência sem limites de uma gratuidade maior, como opção livre de concretização deste amor.

Por outro lado, este amor dos irmãos e irmãs, solidário e transformador, espelha, nas proporções restritas de cada ser consagrado, o amor do Cristo pelo Pai, fonte e destino de toda a sua capacidade de amar, explicação primeira e última de nossa saída gratuita de nós mesmos — amor — e de nossa incondicional abertura aos outros e ao OUTRO, na realização continuada da presença e da missão de Jesus.

Nenhuma destas duas vertentes pode ser priorizada isoladamente, considerada absoluta em si mesma ou reciprocamente excludente uma da outra. É o próprio Jesus quem nolo deixa claro. O Reino dos céus não é do que diz Senhor, Senhor, e estabelece sua relação direta para com Deus (Dt 6,4-5), mas do que faz a Sua vontade (Mc 10,17-31). Esta vontade integra amor de Deus e do próximo (Mt 22,34-40), não só repetindo no Evangelho o preceito do Levitico (Lv 19,18); mas transcendendo-o. No Levitico, como, de resto, na tradição sinótica, o amor a nós mesmos é o critério de nosso

amor ao próximo. Na tradição joanina, esse critério é o amor de Jesus por nós (Jo 13,34). Ele nos ama até o fim e consagra pela perda da vida, pela morte, o seu amor por nós (Jo 13,1; 15,13-17). Jesus nos deixa claro, no sermão escatológico de Mateus (Mt 25,31-46), que o nosso amor a Deus passa pela identificação deste Deus com o mais pequeno e abandonado. Tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber... Não há código mais preciso para deixar-nos claro que o celibato consagrado, na sua perspectiva cristológica global e radical, é a solidariedade coerente com os mais abandonados.

À vida religiosa na América Latina foi dada a graça de poder compreender este alcance de nossa consagração e de estar tentando vivê-lo com coerência e sem ilusões. Nosso celibato é, pois, por primeiro, uma afirmação de comunhão. Ele o deve ser em qualquer modalidade de concretização comunitária de nossa missão, como pessoas e como membros de um instituto religioso: nas escolas e nos hospitais, nas paróquias e na promoção social, na catequese e na liturgia, na educação da fé e nas pequenas comunidades eclesiais e inseridas. Ele quer concretizar-se num amplo espaço comunitário que se traduz em níveis diversos: a comunidade eclesial e essa grande comunidade, ainda tão solta; inconsciente e difusa, que é o nosso povo. Este talvez nem se dê contada inspiração de nossa existência. Mas descobrirá, no seu cotidiano, a tradução concreta dessa inspiração em nossas próprias vidas. E o povo intui e o povo percebe. Que ele possa descobrir no olhar e no gesto, no semblante e na presença de cada um de nós, o rosto concreto do Deus de Jesus Cristo, que se lhe torna vivo também em nós, por nós e, por vezes, apesar de nós.

QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

1. Que três contribuições inconfundíveis se pode perceber na história da vida religiosa latino-americana para a concretização da missão evangelizadora nestes 500 anos?

- 2. Você concorda com o autor quando afirma que "Deus não tinha como ser humanamente sexuado... e fez-se de fato masculinamente humano"?
- 3. É possível perceber pela sua leitura do Evangelho que o celibato pelo Reino se realiza e se afirma na solidariedade com os abandonados?

Nos lábios e no coração de todos

Esta Conferência reúne-se para preparar as linhas mestras de uma ação evangelizadora que ponha Cristo no coração e nos lábios de todos os latino-americanos. Esta é a nossa tarefa: fazer que a verdade sobre Cristo e a verdade sobre o homem penetrem ainda mais profundamente em todos os segmentos da sociedade e a transformem. João Paulo II, Discurso de Abertura da IV Conferência Geral do CELAM, 12 de outubro de 1992, em Santo Domingo, República Dominicana.

Perfil da verdadeira história

Desde os primeiros passos da evangelização, a Igreja Católica, movida pela fidelidade ao Espírito de Cristo, foi defensora infatigável dos índios, protetora dos valores que havia em suas culturas, promotora de humanidade diante dos abusos de colonizadores, às vezes sem escrúpulos. A denúncia das injustiças e das violações feita por Montesinos, Las Casas, Córdoba, Frei Juan del Valle e muitos outros, foi como um clamor que propiciou uma legislação inspirada no reconhecimento do valor sagrado da pessoa. Os dados históricos mostram que foi levada a cabo uma válida, fecunda e admirável obra evangelizadora e que, através dela, ganhou de tal modo espaço na América a verdade sobre Deus e sobre o homem que, de fato, ela mesma constitui uma espécie de tribunal de acusação dos responsáveis daqueles abusos. João Paulo II, Discurso de Abertura da IV Conferência Geral do CELAM, 12 de outubro de 1992, em Santo Domingo, República Dominicana.

POLARIZAÇÕES E ÊNFASES DA VIDA RELIGIOSA NO CONTEXTO DA XVI AGO

Aprofundar a identidade da Vida Religiosa não para escarafunchar, num exercício introspectivo, algo já conhecido e possuído mas para ativar no plano espiritual e pastoral o que lhe é fontal e permanente.

Pe. Edênio Valle, SVD Presidente Nacional da CRB

Estamos em clima de Assembléia Geral. A experiência dos últimos dois decênios mostrou sobejamente que as Assembléias da CRB são eventos que exercem forte influência sobre a Vida Religiosa em nosso país. Elas funcionaram em nosso passado recente como sensores remotos (captando de antemão problemas, tendências e caminhos), como catalizadores (responsáveis por mudanças significativas nos processos) e como bússolas (que apontavam rumos e corrigem roteiros e direções).

Nossa XVI AGO se concentrará em um tema transcendente para o momento que estamos vivendo: a eclesialidade e a missão da Vida Religiosa na Igreja particular. Já dispomos de três bons subsídios bíblico-teológicos para a iluminação do tema e a captação da problemática concreta em que ela se inscreve. Durante a Assembléia de julho

os 500 Superiores (as) Maiores e Delegados presentes se debruçaram sobre esse rico material e deram para o conjunto da Vida Religiosa no próximo triênio (92-95) um preciso objetivo geral com suas linhas de referência e suas prioridades para a ação.

No presente artigo, que é em parte calcado no Relatório Geral apresentado à XVI AGO, são enfatizadas algumas situações e polarizações que parecem estar caracterizando o momento vivido pela Vida Religiosa. Trata-se de temas e dinâmicas que estamos todos percebendo como emergentes. São, em parte, aspectos "novos" a serem melhor acompanhados e discernidos desde o núcleo teológico que constitui nosso projeto evangélico de vida na Igreja. Essas ênfases e polarizações situam-se no bojo de conjunturas que mereceriam ser melhor

analisadas ao longo do triênio. São situações que dizem respeito tanto à conjuntura interna da Igreja quanto ao momento sócio-político e econômico vivido pelo nosso país, com indizível sofrimento e desilusão para nosso povo.

1. O contexto de fundo

Não é aqui o lugar para se fazer a análise da realidade social mais global. Nosso objetivo é apenas o de descrever o pano de fundo da situação vivida internamente pela Vida Religiosa no Brasil.

Puebla com muita acuidade apontava quatro tendências de fundo na Vida Religiosa em inícios da década de 80.

Mencionava expressamente as seguintes linhas: a) o aprofundamento da experiência de Deus, como exigência da contribuição específica do Religioso(a) na Evangelização e como necessidade vital para uma espiritualidade mais sólida e integrada; b) a revalorização da dimensão comunitária expressada na amizade e no acolhimento, no estilo de vida, na inserção no meio do povo e em missões evangelizadoras de cunho especial; c) o compromisso com a opção preferencial pelos pobres, visto como "a tendência mais notável da Vida Religiosa latino-americana"; d) a redescoberta da Igreja particular que levou ac esforço e ao desejo de participar mais na vida e na pastoral de cada Igreja local e, ao mesmo tempo, a contribuir com a riqueza do

carisma e da missão próprias que cabem à Vida Religiosa (P. 722-738).

As opções que Puebla, à moda de explicitação dos critérios que devem presidir a evolução das quatro citadas tendências, indica paradigmaticamente para a Vida Religiosa são igualmente claras. Elas precisam ser interpretadas à luz da análise histórica que Puebla faz sobre o desígnio de Deus e da compreensão teológico-pastoral dentro da qual os Bispos situam a vocação religiosa, que se funda, para Puebla, no chamamento ao seguimento radical de Cristo (P. 742) na grande comunhão que é a Igreja (P. 744).

Nesse contexto, os Bispos incentivam a Vida Religiosa para que assuma a vivência de sua consagração total a Deus (P. 759), valorize o testemunho evangelizador como expressão das bem-aventuranças (P. 762), abra-se à comunhão eclesial (P. 764), torne seu o compromisso preferencial pelos pobres (P. 769) e irradie sua presença evangelizadora nos espaços que o Papa João Paulo II chamou, mais tarde, de "areópagos" (P. 770). Puebla convoca, ainda, os Religiosos e Religiosas a ocuparem postos de vanguarda evangelizadora (P. 771) e, a adptarem suas obras às necessidades do Povo de Deus (P. 772), renovando a vitalidade missionária e a generosidade sem as quais não podem cumprir sua missão na Igreja (P. 773), seja na Universal, seja na Particular.

A CRB seguiu, nos anos que nos separam de Puebla, essas opções e esses critérios. Deixou-se interpelar, da mesma maneira, pelas Diretrizes que a CNBB colocou como parâmetros para a ação evangelizadora no Brasil, sucessivamente, em 1983, 1986 e 1989. No triênio que ora finda ela prosseguiu aprofundando e definindo essas mesmas pistas. Claro que, caminho fazendo, alteraram-se as perspectivas e emergiram panoramas, ênfases e polarizações.

Nem todos os setores da Vida Religiosa experimentaram tais "novidades". Pessoas, obras e situações pastorais mais expostas às tensões sociais e eclesiásticas sentiram mais de perto a incidência dessas novas conjunturas. A CRB, por sua vez, como espaço da Vida Religiosa que é, procurou captar as naturais tensões e os dilemas enfrentados por esses setores e pessoas, mas que dizem seguramente respeito ao todo da Vida Religiosa. Mencionamos aqui cinco desses verdadeiros dilemas conjunturais.

2. Polarizações Conjunturais

2.1 Modernidade x Opção pelos pobres

A modernidade é um tema obrigatório deste fim de século. À época do Concílio Vaticano II a Igreja se abriu à problemática que a questão da modernidade traz para a vida e o testemunho dela no mundo de hoje. No imediato pós-Concílio também a Vida Religiosa sentiu o impacto desse questionamento. No

âmbito da CRB, como bem o refletem os primeiros números da revista Convergência, o assunto foi muito debatido. Era a época da erupção da modernidade em uma realidade reclusa que havia se recusado a um confronto direto com este dado cultural constitutivo do mundo hodierno. Aos poucos, o eixo do questionamento e da crise da Vida Religiosa se deslocou desse tema (mais da Europa) para o da tentativa de compreensão crítica e de encarnação na realidade da América Latina. Surgiram propostas e perspectivas novas e originais, centradas em três consignas de fundo: inserção, inculturação e libertação. A opção preferencial pelos pobres tornou-se a grande fonte de inspiração da espiritualidade e dos compromissos da Vida Religiosa. Ela deu origem a um movimento de renovação sem precedentes em nossa história, alimentando as buscas e esperanças de uma geração inteira de Religiosos e Religiosas. No plano operacional, no estilo de vida e no direcionamento das obras deu-se uma guinada histórica, ainda em curso. A Vida Religiosa brasileira, que durante três ou quatro gerações havia se adaptado preferencialmente ao espaço, à mentalidade e às necessidades das classes médias, urbanas e brancas buscou se encarnar mais nos meios pobres, através da inserção direta e, em um sentido mais amplo, mediante uma extensa revisão da sua espiritualidade, dos seus compromissos próprios e do modo de se posicionar ante o social, o político e o cultural. Nesse esforço necessário, a

Vida Religiosa como que pôs entre parênteses a problemática relacionada à modernidade. Não que ignorasse sua existência e importância. É que percebeu a urgência maior da outra dimensão — a da justiça e da pobreza — existente em nossa realidade. Agora que já se sente mais situada dentro dessa realidade, a Vida Religiosa se volta para as complexas consequências do processo global de transformações rápidas e profundas que "Gaudium et Spes" já anunciava como um referencial obrigatório da evangelização do mundo contemporâneo. As "Diretrizes Gerais" da CNBB (Documento 45 - Ano 1991) trazem novamente para o centro das preocupações o fenômeno da modernidade e da pós-modernidade, buscando mostrar em que e como ele desafia, no contexto das contradições sociais e causas estruturais da realidade brasileira, a presença e a ação da Igreja. Vem daí uma polarização entre duas dimensões de um só processo de repensamento da vida e missão da Igreja: a dimensão da opção preferencial pelos pobres e a dimensão da modernidade. A Vida Religiosa se sente colhida por essa tensão dialética.

2.2 Restauração x Avanço inovador

Outra tensão dialéctica que perpassa hoje a Igreja e atinge em cheio a Vida Religiosa é a que nasce da reafirmação "conservadora" no seio da instituição eclesiástica. Não há dúvida que do ponto de vista histórico-sociológico o pós-Concílio se caracterizou pela ino-

vação. À posição eminentemente defensiva da proposta tridentina e do antimodernismo (século XIX) sucedeu a de aberturas surpreendentes à mudança, à inovação, ao repensamento de estruturas e métodos e à refontalização da Teologia e da Pastoral, no prisma do diálogo com o mundo moderno. A nova visão e proposta vinha do "centro" da mais alta instância da hierarquia. A Vida Religiosa, em certo sentido, chegou depois. Só com o alerta e o incentivo vindo do Concílio é que também ela se abriu à inovação. No caso específico da América Latina e do Brasil a liderança do processo, durante largo tempo, esteve nas mãos do Episcopado, da geração de Bispos que viveu o Concílio. A Vida Religiosa em si teve dificuldades em se deixar desafiar pela Assembléia de Medellín e pela movimentação cada vez mais intensa das CEBs e das pastorais nascidas em função da nova proposta evangelizadora. Só aos poucos a Vida Religiosa foi assumindo os caminhos apontados pelos pastores e solicitados pelos novos sujeitos da evangelização. Só aos poucos ela foi se revendo, buscando vias novas, redescobrindo o profetismo e seu carisma e fazendo, na prática, uma mudança de lugar social. Com isto, a Vida Religiosa saiu de trincheiras "conservadoras" e moveu-se em direção à mudança. A crise vivida entre 1989-1991 pela CLAR demonstra que, em um certo momento, teve início uma relativa inversão de atitudes e posições: enquanto segmentos expressivos do Episcopado de vários

países e, em especial, a Direção do CELAM, assumiam a defesa da "restauração", setores da Vida Religiosa firmavam uma posição distinta, na linha da "traditio" proféticotransformadora da Igreja do continente. Essa é uma tensão que provavelmente se fará notar ao longo do próximo decênio. Em nossa XVI AGO analisaremos mais a fundo tal questão. No fundo, a grande preocupação da Vida Religiosa hoje é a de manter a fidelidade à opção preferencial pelos pobres. O próprio ensejo do V Centenário da Evangelização faz crescer nela a convicção da urgência dessa opção fundamental. O receio maior, confirmado por vários episódios acontecidos em vários níveis, é o de ver essa opção conectada por um tipo de restauração eclesiástica que torne difícil um comprometimento mais fundo com a vida e o destino de nossos povos, e faça a Vida Religiosa recuar em relação ao que, evangelicamente lhe pede sua consciência eclesial.

2.3 Inserção no "particular" x Responsabilidade "universal"

Uma terceira tensão é a que se estabelece entre a inserção da Vida Religiosa na Igreja "particular" e na ação pastoral diocesana e/ou supradiocesana, de um lado, e a natureza mais "universal" da vocaçãomissão dos Religiosos (as) na Igreja, de outro. Esse é um outro ponto que afrontaremos de perto na XVI AGO. Não se trata apenas de uma

questão "espacial" ou de geografia pastoral. A questão é antes eminentemente teológica que de delimitação de atribuições. Se a Vida Religiosa é, em si mesma, de natureza carismática, profética e "laical" (batismal); se é em virtude dessa natureza que ela é sinal e age missionariamente no mundo da Igreja "particular", é imprescindível que ela guarde os traços que lhe são próprios. Seu lugar no seio do Povo de Deus (composto pelo Laicado, pela Hierarquia e por ela própria), as concretizações de sua ação carismático-profética no seio da Igreja hoje devem se diferenciar desde sua especificidade própria. A Vida Religiosa, por mais importância que possa e deva dar às necessidades pastorais das igrejas onde se insere concretamente, deve estar sempre atenta ao seu carisma que se relaciona firmemente com a vida e a santidade de todo o Povo de Deus, dentro da unidade testimonial e comunional que incumbe aos Pastores garantir dentro do mesmo. Esse é convocado, nos doze, e construído sobre Pedro. Por essas razões, a Vida Religiosa, se move, sem divisão mas tensamente, entre duas dimensões: a carismática ou profética e a institucional ou pastoral.

2.4 Dedicação aos pobres x Lugar social estabelecido

Vale a pena mencionar uma 4ª polarização que mexe fundo com a Vida Religiosa brasileira. É a polarização entre a sua dedicação às classes médias x o mundo dos po-

bres (que começa a se organizar) x as massas sobrantes (ainda à margem dos processos sociais). Com o deslocamento do lugar social dos Religiosos (as) cresce a consciência do apelo que vem do mundo marginalizado brasileiro. Esse apelo atinge a todos: aos inseridos nos meios sociais, culturais e pastorais pobres, de uma maneira; aos que se acham em setores de trabalho e ambientes estabelecidos, de outra.

2.5 Viver radicalmente o Evangelho em um mundo pobre e secularizado

É esse o desafio-síntese da próxima década, ou melhor, da próxima geração. O que fizemos nestes 30 anos do pós-Concílio (1962-1992) foi construir uma plataforma inicial e dar os passos que nos permitiram avançar (rompendo, às vezes) e consolidar uma perspectiva nova. Agora, sobre essa base adquirida, a nova geração da Vida Religiosa brasileira tem condições para, na fidelidade ao Evangelho e à sua vocação-missão própria, encarnar-se definitivamente em nossa cultura, em nossa realidade, em nossa história. O novo ciclo permitirá que se torne verdade a grande renovação desejada e proposta pelo Concílio. A Vida Religiosa da América Latina e do Brasil terá a feição de seus povos mas guardará viva a fonte da qual nasceu: o Evangelho de Jesus que renova sua força profética e carismática fundacional, na grande comunhão do Povo de Deus.

3. Ênfases "novas" no Triênio

3.1 Nos relacionamentos dentro da Igreja

A Igreja do Brasil, como bem o recordam as "Diretrizes", vive um momento especial. Há impasses, há receios, há desânimos. Nascem da constatação de situações e tendências. Expressam opiniões e sensibilidades. Traduzem-se em decisões de pessoas e de grupos que se desiludem e tendem a desistir ou a transigir em seus compromissos com "esta" Igreja, como ela de fato é. Mas há esperanças novas e passos concretos altamente promissores observáveis na Igreja e na Vida Religiosa. Ressaltemos aqui alguns:

— A Vida Religiosa, alertada por certas dissonâncias nas bases e nas cúpulas, está estabelecendo canais novos de relacionamento com os Bispos, em nível nacional, regional e diocesano. Em 1991, por exemplo, para lá dos encontros mais de rotina formal, em várias Regionais da CNBB deram-se reuniões sobre "as mútuas relações", usando-se em muitas delas o texto editado pela CRB sobre "Eclesialidade e Missão". Em algumas dessas reuniões se logrou descer com muita sinceridade a problemas bem concretos. Os Provinciais, por sua vez, parecem estar mais atentos à necessidade de dialogar mais de perto com as Dioceses, quebrando o perigo do isolacionismo da Vida Religiosa.

— A presença dos Religiosos (as) nas Pastorais da Igreja se consolidou, em um trabalho conjunto com

Leigos (bases e dirigentes) e com Presbíteros e Bispos. Em praticamente todas as frentes pastorais (Migrações, Sem Terra, CPT, CIMI, PO, Juventude, Movimentos Negros, Pastorais sociais diferenciadas (menores, mulheres marginalizadas, sofredores de rua, ciganos) cresce a presença dos Religiosos, e muito especialmente, a da mulher consagrada. Por se dar em áreas de fronteira social essa atuação traz tensões e problemas para os quais nem sempre as Congregações e as próprias pessoas envolvidas estão preparadas. A pesquisa levada a cabo pelo JUSSOL (1990) e respondida por 120 Congregações demonstrou existir interesse por um trabalho mais engajado no social.

— Os últimos três anos abriram as possibilidades para um intercâmbio bem direto entre as Diretorias dos Organismos de Igreja que congregam os Presbíteros, os Diáconos, os movimentos leigos, os Institutos Seculares, as Congregações e Institutos Religiosos e os próprios Bispos. Desse intercâmbio decorreu um trabalho coletivo na elaboração das "Diretrizes". Agora, os Organismos estão preocupados em fazer com que as "Diretrizes" cheguem efetivamente às suas respectivas bases, influenciando as decisões pastorais, os planejamentos e a mística que deve suportar e dinamizar a ação evangelizadora da Igreja. Tarefa difícil mesmo para a Vida Religiosa, sem dúvida o setor de Igreja melhor organizado.

— Uma preocupação que merece prioridade da parte da Vida Religiosa é o da formação e acompanhamento do Laicado. É preciso ter coragem, generosidade e criatividade neste campo de trabalho, dentro de padrões novos de corresponsabilidade e reciprocidade.

4. Ênfases qualitativas de fundo:

. dive

No campo da espiritualidade cresceu extraordinariamente a consciência da centralidade da Bíblia, despertada pelo Projeto "Tua Palavra é Vida" que está se firmando e tomando corpo. A dimensão missionária da espiritualidade e a ativação da missionariedade da Vida Religiosa se expressam no grande interesse das Congregações em se orientar para as fronteiras. O trabalho de formação de orientadores espirituais, fomentado pelo esforço pioneiro do Pe. Leonardo Patrick, com suas dezenas de Cursos por todo o Brasil, é um outro indicador qualitativo. Finalmente, a Vida Religiosa Inserida, mesmo pressionada pela conjuntura negativa vivida pelos movimentos populares, parece estar atingindo um novo patamar qualitativo, seja no tocante à fundamentação espiritual, seja na consciência evangélica do compromisso político junto ao povo.

Essas exigências qualitativas novas levam a Vida Religiosa em três direções:

— dentro da própria Vida Religiosa: percebe-se a importância da formação em todos os níveis. Como campos privilegiados surgem: a espiritualidade e a teologia, especialmente a Bíblia; a formação profissional que capacite ao exercício de tarefas novas; a compreensão crítica mais acurada de nossa realidade de Religiosos (as) em seu conjunto, dentro e fora da Igreja;

- dentro da Igreja: o aprimoramento da consciência de nossa identidade e missão na Igreja particular para dar a contribuição específica que nos cabe dar a ela;
- dentro da Sociedade brasileira: a revisão do papel histórico que nos foi legado em função das exigências do Evangelho e da resposta que cabe à Vida Religiosa dar ao povo brasileiro cada vez mais marginalizado.

5. Algumas preocupações prioritárias para o futuro

Os parágrafos precedentes contém pistas e sublinham aspectos com os quais deve se ocupar a Vida Religiosa no futuro próximo. Queremos, contudo, enfatizar 16 preocupações que exigirão um acompanhamento prioritário:

- 5.1 Recolocar a Palavra de Deus no lugar de destaque que lhe cabe como fonte alimentadora da espiritualidade e da missão da Vida Religiosa.
- 5.2 Tentar trazer a Vida Religiosa masculina para uma participação mais intensa na vida da Conferência, fortalecendo a consciência da dimensão "religiosa" especialmente nas Congregações clericais, como condição necessária para sua fecundidade ministerial nas Igrejas particulares e como um requisito para

que os Religiosos-homens não se distanciem da caminhada das Religiosas.

- 5.3 Cultivar os laços da latinoamericanidade e da mundialidade da Vida Religiosa do Brasil, através do incentivo à participação no projeto "Igreja Além-Fronteiras" (CN BB), e da participação no próximo Congresso Missionário (COMLA 5), em Belo Horizonte (1995).
- 5.4 Abrir espaço dentro da Vida Religiosa, na Igreja e na sociedade para uma ativação da presença da Mulher Consagrada que valorize a feminilidade da contribuição que ela tem a prestar.
- 5.5 Atender ao clamor que sobe das chamadas "massas sobrantes", através de uma revisão permanente de nossas opções e de nossas obras.
- 5.6 Inculturar a Vida Religiosa no seio das realidades culturais das quais ela se distanciou por razões históricas que precisam ser criticamente revistas e superadas desde o Evangelho.
- 5.7 Fazer um esforço no sentido de dar à vocação do Irmão o valor que lhe cabe dentro da Vida Religiosa reativando sua vitalidade evangélica e capacidade de servir.
- 5.8 Redimensionar criativamente as relações da Vida Religiosa com o Laicado e com os Presbíteros com vistas à corresponsabilidade na responsa aos desafios de Evangelização libertadora.
- 5.9 Continuar o esforço de repensar e melhor atender às exigências da juventude religiosa hoje.

- 5.10 Aproximar a CRB das Congregações que a desconhecem ou que não participam das programações que a CRB, em nome do conjunto da Vida Religiosa, tenta implementar.
- 5.11 Sentir mais de dentro as necessidades das Congregações contemplativas em seu anseio de viverem a plenitude de sua vocação na comunhão da Igreja do Brasil.
- 5.12 Encontrar maneiras de levar as Congregações ao engajamento na linha da *Justiça e Paz*, como exigência evangélica e como urgência da situação do povo.
- 5.13 Dotar a Vida Religiosa do Brasil de um Centro Integrado de Formação que possa responder adequadamente às exigências de uma formação mais sólida dos jovens Religiosos (as) de amanhã.
- 5.14 Incentivar as Congregações especializadas a atuarem mais conjuntamente no campo da comunicação e/ou a nele entrarem, mesmo se com iniciativas modestas.
- 5.15 Levar adiante as tentativas das regionais da CRB de responder interregionalmente a alguns desafios que lhes são comuns.
- 5.16 Acompanhar de perto a busca de caminhos e soluções que é feita pelas Congregações que mantêm as chamadas "obras". Essas enfrentam problemas complexos e podem se sentir à margem da vida de nossa Conferência.

Concluindo

Os 500 participantes da XVI AGO aprovaram o seguinte objetivo geral para o próximo triênio (92-95): "aprofundar, em todos os níveis, a identidade da Vida Religiosa, no seguimento de Jesus pobre, em sua preferência pelos pobres, no dinamismo profético dos carismas específicos, em comunhão com todo o povo de Deus e os pastores, a serviço da vida, da justiça e da esperança".

A leitura atenta desse texto incisivo mostra claramente que a Assembléia percebia existir uma continuidade, uma linha a ser levada adiante, não como mero prolongamento e expansão e sim em sua dimensão de profundidade. O que é preciso aprofundar? A resposta dada pela Assembléia é até certo ponto surpreendente. Ela remete a reflexão e a ação à questão chave da identidade. Não para escarafunchar algo já conhecido e possuído, em um exercício introspectivo e sim para ativar, no plano espiritual e pastoral, o que na Vida Religiosa é fontal e permanente. Parece ser intenção da XVI Assembléia, construir uma auto-consciência mais sólida, a partir de tudo o que a Vida Religiosa tem vivido nestes últimos 20 ou 30 anos em termos de redimensionamento de sua vocação e missão na Igreja do Brasil. Na linha da vocação própria o texto explicita 3 vertentes: o seguimento de Jesus, a opção preferencial pelos pobres e o dado carismático-profético que lhe é específico, pelo dom do Espírito de que

objetivo nos diz o como e para que. O como é o da comunhão com todo, povo de Deus e os pastores. O para que é apontado com três palayras orientações da CNBB, especialmente nas últimas de suas Diretrizes: a missão de servir à vida, à justiça e à esperança.

Lendo este objetivo e considerando as 7 linhas referenciais e as 16. linhas de ação, quase unanimemente votadas pela Assembléia, não é difícil perceber que os vogais a ela presentes souberam captar muito bem as ênfases novas, e as polarizações que merecem a atual conjuntura. Nossa tarefa agora é a de traduzir tudo isto em um movimento que conduza a Vida Religiosa a ocupar o papel histórico que lhe cabe neste momento de perplexidade e dor que o nosso povo vive.

Penso que a XVI AGO ao sublinhar a necessidade de crescer na consciência de nossa identidade teologal, eclesial, pastoral e espiritual está já nos preparando para um outro momento dialético, a ser trabalhado, quiçás, nas Assembléias de 95

é portadora. Na linha da missão, o e 98; seguramente voltadas para os 500 anos da Vida Religiosa no Brasil. Queremos ser mais conscientemente homens e mulheres consagrados ao Reino para podermos dar programáticas, sempre presentes nas uma resposta histórica mais adequadamente evangélica às responsabilidades que pesam sobre nós como protagonistas ininterruptos dos cinco séculos de alegrias e esperanças, de cruz e de dor que marcam o itinerário de nosso povo.

> QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

- 1. Você pensa que as quatro tendências e as linhas indicadas por Puebla caracterizam adequadamente o rosto da VR na década de 90?
- 2. Qual destas cinco polarizações é, em sua opinião, a mais significativa para o que você e sua comunidade estão vivendo diretamente? Por que? Como?
- 3. Entre as 16 pistas indicadas na parte final do artigo indique quais são as 5 de maior peso? Por que? Como?

Evangelização nova no ardor

Uma evangelização nova no seu ardor supõe uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma fidelidade a toda prova que, sob o influxo do Espírito, gerem uma mística, um incontido entusiasmo na tarefa de anunciar o Evangelho. Na linguagem neotestamentária é a "parresia" que inflama o coração do apóstolo. João Paulo II, Discurso de Abertura da IV Conferência Geral do CELAM, 12 de outubro de 1992, em Santo Domingo, República Dominicana.

O DOCUMENTO 47 DA CNBB: EDUCAÇÃO, IGREJA E SOCIEDADE

A educação é prioridade nacional.

Toda evangelização é

um processo de educação. Refletir sobre
a educação é refletir sobre
a pessoa e a sociedade que queremos formar.

Dom Aloysio José Leal Penna, SJ

Bispo de Bauru, SP Setor Educação/CNBB

Elaboração do documento

"Educação, Igreja e Sociedade" foi certamente um dos documentos da CNBB que teve, juntamente com a "Catequese Renovada", a maior participação das bases.

Em agosto de 1989 o Conselho Permanente da CNBB escolheu o tema "Educação" como assunto principal da XXVIII Assembléia Geral de 1990.

O documento teve seis redações. Foi estudado e votado pela quase unanimidade dos Bispos presentes em duas assembléias gerais (AG) da CNBB: a XXVIII, de 1990, e a XXX, de 1992.

No intervalo de dois anos até a XXX AG de 1992, o texto, então

com o título "Educação: exigências cristãs", editado quatro vezes, foi estudado em encontros e/ou seminários por comunidades de base, paróquias, dioceses e regionais da CNBB. Também foi objeto de estudo e aprofundamento por professores, escolas, universidades, por diversos núcleos da AEC e pela ABESC e por institutos religiosos dedicados à educação.

Todas as numerosas emendas e contribuições chegadas foram consideradas pela comissão nacional de educação.

Procurou-se, naturalmente, dar uma certa unidade na forma e conteúdo do documento evitando-se repetições, constatações óbvias e observações de caráter geral.

Abrangência e destinatários

O documento não visa unicamente os educadores das escolas católicas. Procura atingir os milhares de educadores também da rede oficial de ensino e a todos os que queiram conhecer as principais teses da Igreja com respeito à educação no Brasil.

Não se fala só de educação formal, sistemática, escolar, mas também do grande mundo da educação informal, popular, da que se faz através dos MCS, nas CEBs, nos sindicatos, nas pastorais, etc.

Não se visou fazer um documento acadêmico, erudito, destinado a um pequeno número de Bispos, sacerdotes e professores com graus universitários, mas procurou-se usar uma linguagem que fosse acessível a um maior número de educadores espalhados pelas cidades e pelo interior do País.

O Documento

Depois de tão longa e participada caminhada, definidos os destinatários e a sua abrangência, a 6ª redação do documento foi votada, pela quase unanimidade dos Bispos presentes na XXX Assembléia da CNBB, em 1992.

Seguimos o esquema do "ver, julgar e agir" já tradicional nos documentos da CNBB e em muitos documentos da Igreja.

Depois de breve introdução, a primeira parte procurou "VER" os

traços gerais da realidade da educação no Brasil, analisando "os problemas e esperanças na educação brasileira". Constata "o crescimento da consciência do direito à educação", lembra "as deficiências do nosso sistema escolar", "da política educacional", "a desqualificação social e profissional dos educadores", "o problema do analfabetismo", a pouca participação da família, a comunicação social e os problemas e esperanças da educação popular. O documento recorda "A presença histórica da Igreja Educadora" com suas forças e limitações. Nesta primeira parte lembra-se ainda a busca de identidade do ensino religioso escolar a caminho da pastoral da educação.

É muito importante que todos estejamos conscientes dos "processos educativos" usados nas atividades da Igreja. Na catequese, na liturgia, nas pastorais, no relacionamento sacerdote-leigos usamos processos educativos que podem ser mais ou menos autoritários e/ou participativos.

Na segunda parte, o documento faz o "julgar", procura dar uma visão sintética da educação na perspectiva cristã.

Toda educação é baseada numa determinada visão da "pessoa humana" e da "sociedade" que que remos formar.

Quatro grandes bases da visão cristã da educação são analisadas nesta segunda parte: a filosófico-

antropológica, a sócio-política, a teológico-pastoral e a pedagógica.

O documento procura apontar os principais elementos de cada uma destas quatro bases.

Naturalmente o educador cristão deve ter sempre muito claras estas bases que nortearão todos os seus projetos educativos e o agir cristão nas escolas e universidades e em todas as atividades de educação formal e popular, nas nossas CEBs, nas pastorais, movimentos, grupos de reflexão, etc.

A terceira parte procurou ser didática e de fácil uso.

Foram apresentadas 16 teses com suas respectivas justificativas. São propostas que não deveriam faltar na elaboração dos "projetos educativos" das escolas, dioceses, congregações religiosas voltadas para a educação e de outras atividades educativas da Igreja.

Devem chamar a nossa atenção algumas preocupações que não costumavam aparecer em muito dos nossos documentos.

Quase sempre centralizávamos a nossa atenção nas escolas católicas e na educação formal, escolar. O documento visa a todos os educadores cristãos das escolas particulares e públicas e da educação informal, popular. Conscientiza-nos de que todos devemos nos preocupar mais com a grande multidão de brasileiros que não podem desfrutar do "direito" à educação e a uma educação de "qualidade".

Todos devemos trabalhar para exigir dos governantes e legisladores que a educação seja realmente "uma prioridade nacional". Para isso deve haver "uma política educacional coerente" a "valorização social e profissional do educador", etc.

O documento lembra que, no nosso agir educativo, não podemos esquecer a "educação para a cidadania" e a relação de toda educação formal e popular com a "cultura", com a "família", com os "meios de comunicação social". Hoje estes MCS atingem mais os educandos do que as ações educativas da família, da escola e da Igreja. É um desafio para nós formar o "nosso sentido crítico" pessoal, diante dos MCS, para ajudarmos a formá-lo nos nossos educandos.

Postulamos a tese da educação integral da pessoa, incluindo a "educação religiosa" nas escolas públicas.

Uma tese que deveria ser assumida por toda a Igreja é a da "gratuidade do ensino fundamental para todos". A tese defendida pelo documento é: "A Igreja defende a gratuidade total para o aluno do ensino fundamental (primeiro grau), a ser financiado pelo poder público, tanto nas escolas estatais como nas escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, excluindo as escolas que têm finalidade lucrativa" (número 108).

Reconhece o documento a missão difícil, escondida, dedicada e nem

sempre reconhecida, dos educadores nas escolas e universidades católicas.

O trabalho de educação formal e informal faz parte de toda "ação pastoral da Igreja". Toda evangelização é uma ação educativa que deve estar articulada com as outras pastorais da Igreja.

Apelo aos religiosos (as) do Brasil

A educação no Brasil, até a década 1940 e 50 estava quase toda nas mãos dos (as) religiosos (as).

Com o fenômeno da explosão demográfica, da industrialização, êxodo rural e urbanização as escolas estatais se multiplicaram. Os desafios da educação no Brasil aumentaram.

O setor educação da CNBB deve se propor articular, animar, apoiar, avaliar, propor ações comuns a todos, pessoas e instituições, que se dedicam à grande missão de educar. Deve estimular a criação, manutenção e animação da pastoral de educação e ensino religioso nas dioceses e regionais da CNBB

A Igreja no Brasil tem já algumas associações e movimentos voltados para a educação formal e popular.

A AEC — "Associação de Educação Católica" — desde 1945 serve à causa da educação e dos educadores no Brasil. Nestes 47 anos de atividades a AEC Nacional e seus núcleos regionais e diocesanos muito têm trabalhado pela causa da educação, especialmente nas escolas católicas de 1º e 2º graus.

A ABESC — "Associação Brasileira das Escolas Superiores Católicas" — criada em 1952, congrega, hoje, 45 associadas, das quais 16 são universidades e 29 são institutos isolados de ensino superior. Em 1987 as instituições de ensino superior católicas tinham 15% dos alunos matriculados em escolas superiores do Brasil.

O MEB — "Movimento de Educação de Base" — extraordinário trabalho popular de educação de base, oferece agora sua experiência, ajuda técnica e financeira para um programa de alfabetização no Brasil.

O "setor educação" da CNBB muito espera dos religiosos (as), da AEC, da ABESC, do MEB e de tantas Congregações religiosas dedicadas à educação. Devemos unir nossas forças com todos os educadores cristãos para ajudarmos a dar ao povo brasileiro a "educação", fundamento essencial para todo desenvolvimento.

As dioceses que não têm pastoral de educação estruturada, talvez poderiam uni-la à "pastoral do ensino religioso" existente num maior número de dioceses.

As "escolas católicas", os núcleos de AEC, ABESC, MEB... poderiam, talvez, ajudar mais a criar e a desenvolver a pastoral de educação e de ensino religioso nas dioceses que ainda não as tiverem.

As escolas e universidades católicas devem procurar ser, sempre mais, exemplos de competência, seriedade de ensino e pesquisa, exemplo de honestidade administrativa e de justiça social, centros de serviços às comunidades em seus programas de extensão universitária. Muitas universidades e escolas católicas prestam grandes serviços às dioceses nas quais estão inseridas e trabalham em sintonia com suas respectivas Igrejas Particulares. Pedi a ABESC que crie um BANCO de dados sobre serviços e assessores competentes, nos diversos setores da ciência, que possam colaborar, quando necessário, com as Igrejas Particulares e a CNBB.

As novas "Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional" estão sendo elaboradas e vão ser votadas pelo Congresso Brasileiro. O setor educação da CNBB, a AEC, MEB e ABESC estão prestando grande serviço à causa da educação no Brasil, acompanhando de perto esse processo legislativo. Muitos grupos de pressão estão agindo contra teses importantes, defendidas pela Igreja no nosso documento sobre "Educação, Igreja e Sociedade".

Quero lembrar que, ao lado do documento "Educação, Igreja e Sociedade" saiu outra publicação na coleção "Estudos da CNBB, nº 63" com o título "Educação: exigências cristãs". Este estudo poderia ser confundido com o primeiro título do nosso documento. Não o é. O livrinho 63 da coleção verde é o

resultado do seminário promovido pela CNBB, em Cachoeira do Campo—MG, em julho de 1991, sobre educação.

Esperamos que o documento "Educação: Igreja e Sociedade", uma vez elaborado com tão bela participação e estudos, não vá agora para as prateleiras das nossas bibliotecas.

A educação é prioridade nacional. Toda evangelização é um processo de educação. Refletindo sobre a educação nós refletimos sobre a pessoa e a sociedade que queremos formar.

QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

- 1. Dos problemas elencados no documento sobre Educação, quais parecem mais fortes no sistema educacional da área em que se situa a sua comunidade?
- 2. Até recentemente a preocupação da vida religiosa era com a chamada educação formal (centrada nas instituições escolares). Você acha viável e necessário que cheguemos a dar atenção às formas de educação informal ou é melhor deixar esta área para outros?
- 3. É válido numa sociedade pluralista desejar que o ensino fundamental seja financiado pelo Estado, aplicando verbas do Estado em escolas particulares como as católicas? Que argumento poderíamos dar para isto?

JESUS CRISTO, COMUNICADOR DO PAI

O objetivo de Jesus foi de ser comunicador do Pai: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,7) e de mostrar e ser o caminho para o Pai: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6).

Irmã Helena Corazza, FSP Belo Horizonte, MG

introdução

Vivemos na chamada "civilização da imagem". Uma civilização que se comunica, principalmente, pela imagem e pelo som. E a comunicação entre as pessoas acaba ficando em segundo e até terceiro plano. A impressão que se tem, é de que a comunicação é só dos meios, tamanha é a influência na opinião pública.

Há muitas formas de entender a comunicação. Ela pode ser intrapessoal, interpessoal, grupal e social, que diz respeito aos meios de comunicação de massa. O conceito adotado aqui é o da relação das pessoas consigo mesmas e, sobretudo, no encontro com o outro. Comuni-

cação que liberta, quando a pessoa é sujeito da comunicação.

Neste trabalho, quero enfocar a comunicação de Jesus na sua relação com as pessoas. Observar como ele entra no mundo delas e, a partir desta relação, ele possibilita a libertação delas, ou, pode-se dizer, as liberta.

Este trabalho é fruto da reflexão e da experiência pessoal, da partilha com as pessoas, da busca de respostas, na comunicação de Jesus, para iluminar a nossa, hoje. Observo como Jesus parte da realidade das pessoas, e as atinge em profundidade e elas passam a ter mais vida.

Jesus, comunicador do Pai, tem muito a nos dizer sobre a sua comunicação com a pessoa humana. Ele atinge a pessoa toda, não só na inteligência, mas nos sentimentos, na imaginação, no dia-a-dia. Uma comunicação que tem a força da vida de quem comunica e dá nova força às palavras, aos gestos, sinais e símbolos.

Jesus não é só a imagem do Deus invisível, pela sua Encarnação e presença na história. Ele falou a língua do povo do seu tempo. Fezse entender com todos os recursos da linguagem que se fizeram necessários. Usou a palavra, os gestos, o silêncio, as histórias. Entrou no cotidiano das pessoas, sem separar o sagrado do profano. Ele venceu muitos preconceitos, sobretudo em relação à lei e à mulher. Seu objetivo foi de ser comunicador do Pai: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,7) e de mostrar e ser o caminho para o Pai: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida!" (Jo 14,6).

Jesus, comunicador do Pai

Jesus é a *Palavra*, o Verbo que se fez gente, a Palavra que existia desde o começo (cf. Jo 1,1). "E a Palavra se fez homem e habitou entre nós" (Jo 1,14).

Esta Palavra se fez imagem: "Ele é a imagem do Deus invisível" (Cl 1,15), conforme assegura o apóstolo Paulo, grande evangelizador das primeiras comunidades cristãs.

Assumindo a condição humana, o Filho de Deus traz o Deus invisível, que ninguém viu, para junto das pessoas. Ele mesmo se torna, em

sua pessoa, a possibilidade de se relacionar com os semelhantes. Sem a Encarnação de Jesus, que possibilita a aproximação de Deus dos humanos, como se poderia falar em comunicação?

O corpo de Jesus, entendendo-se corpo por todas as possibilidades de comunicação com o mundo e com os outros, é que torna Jesus a ponte, o caminho, a imagem, a palavra, o contato da realidade divina com a humana. Como diz Jo 1,18: "Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou foi o Filho único, que está junto do Pai." O próprio Jesus disse a Filipe: "Faz tanto tempo que estou no meio de vocês e vocês ainda não me conhecem? Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9).

A Encarnação de Jesus é o ponto de ligação, o contato, entre o Deus invisível e o ser humano. Só pode haver comunicação quando há um universo comum, um mínimo referencial conhecido de ambas as partes.

Assumindo a condição humana, ou seja, fazendo-se gente, um de nós, passando pela mesma experiência de ser gestado no corpo da mãe, aprender a falar, a conviver, a rezar, a falar a língua do seu povo, Jesus se insere na comunidade humana. Todos estes pontos comuns, fazem Jesus aprender como falar do Pai, como ser a imagem do Deus invisível, que ele conhece e nós não conhecemos. Esta é a grande novidade que Jesus quer comunicar: o Pai.

E Jesus terá se perguntado, tantas vezes, como posso falar do Pai? Em que momento? Vivendo na sua cultura, Jesus, com certeza, contemplava a realidade dos agricultores, dos pastores, das mulheres, dos sacerdotes, dos doutores da lei, dos pobres e das crianças. E terá pensado, tantas vezes, como revelar a bondade, o amor e a ternura do Pai, nesta realidade. Terá pensado como partir da realidade em que as pessoas vivem, sofrem e como transmitir a novidade de revelar o Pai, e de ser ele o Caminho, a Verdade e a Vida para que as pessoas conheçam o Pai.

Houve um momento, em que Ele até censurou Filipe, dizendo: "Faz tanto tempo que estou no meio de vocês e você não me conhece? Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9). Como comunicador do Pai, Jesus testemunhou com as palavras e com as obras. Ele disse a Nicodemos: "Eu garanto a vocês: nós falamos aquilo que sabemos, e damos testemunho daquilo que vimos, mas apesar disso, vocês não aceitam o nosso testemunho" (Jo 3,11). O Pai também dá testemunho de Jesus: "Eu tenho um testemunho maior que o de João. São as obras que o Pai me concedeu realizar. As obras que eu faço dão testemunho de mim, mostrando que o Pai me enviou" (Jo, 5-36). Jesus se identifica com o Pai: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30) e nisso se torna perfeito comunicador, revelando-o: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9).

Caminho, Verdade e Vida para o Pai

Vendo os discípulos preocupados pela possível ausência dele, Jesus tem uma conversa muito pessoal com os seus seguidores e diz para eles: "Não fique perturbado o coração de vocês. Acreditem em Deus, acreditem também em mim... Tomé lhe diz: — Senhor, nós não sabemos para onde vais, como podemos conhecer o caminho? Jesus respondeu: — Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim" (Jo 14,1-6).

A seguir, Filipe interpela Jesus: "Senhor, mostra-nos o Pai e isso basta para nós". Jesus lhe responde: "Faz tanto tempo que estou no meio de vocês e você ainda não me conhece, Filipe? Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,8-9).

O sentido de Caminho, Verdade e Vida com que Jesus se define, está ligado à revelação do Pai.

Jesus se diz Caminho para o Pai. Andando pelo caminho = Jesus, se chega ao Pai. Este caminho é a porta de entrada na vida. Este caminho abre para a verdade.

Jesus é o Caminho que liberta. Bruno Forte diz que "é no Espírito que nos tornamos livres para ir ao Pai, pelo Caminho que é Cristo. O Espírito é a libertação da liberdade, aquele que nos liberta para caminhar no caminho de Cristo".

A Verdade remete à Palavra. Jesus é o Verbo, a Palavra do Pai,

revelada. Na mentalidade semítica, dabar significa o que está por detrás, isto é o coração, a força. Chamar alguém pelo nome, no mundo semita, é já possuí-lo, entrar em comunhão com ele. Para um hebreu, a Palavra significa o próprio Deus. Assim a Palavra de Deus não é alguma coisa, mas alguém. Jesus diz: "Eu sou a Verdade" e isso pode ser traduzido por "Eu sou a fidelidade de Deus, no amor".

Em Jo 14,17, Jesus Verdade se identifica com o Espírito da Verdade: "Ele é o Espírito da verdade, que o mundo não pode acolher porque não vê, nem conhece. Vocês o conhecem, porque ele mora com vocês e estará com vocês".

No Evangelho de João, especialmente, Cristo é Vida: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). Jesus é Vida porque dá a vida pelos outros, porque restaura a vida perdida, restaura a saúde e quer que esta vida seja abundante, tanto a vida do corpo como do espírito. Ele é o Bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas, que cuida das que estão doentes (cf. Jo 10).

A comunicação de Jesus no cotidiano

Jesus se relaciona com as pessoas, no cotidiano. É amigo, compartilha a vida com elas, não só nas alegrias, mas sobretudo nos momentos de sofrimento. Os amigos e amigas mandam-lhe recados como este: "Senhor, aquele a quem amas

está doente" (Jo 11,3). E ele tem a mesma reciprocidade com eles: "Vendo-o (Jesus), Maria ajoelhouse a seus pés e disse: — Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido".

Jesus não tem medo, nem vergonha de expressar os sentimentos
diante dos amigos e mesmo diante
dos que o observam: "Jesus viu que
Maria e os judeus que iam com ela,
estavam chorando. Então ele se
conteve e ficou comovido... Jesus
começou a chorar" (Jo 11,33-35).
Jesus atinge as pessoas no profundo
de si mesmas, sofre com elas e as
consola, nos momentos de dor. Mas
qual o segredo de Jesus?

Talvez seja a empatia. Porque é só quando sentimos com o outro e nos colocamos no lugar dele, que o ajudamos verdadeiramente. O nosso interlocutor sente, percebe dentro de si mesmo, se a pessoa com quem está compartilhando a vida, o está escutando em profundidade. Ele percebe quando é ouvido com o coração, sem julgamento, nem preconceito. Ouvir profundamente ou com o coração, é atitude de respeito para com o outro e o primeiro mandamento da comunicação. Para ouvir com o coração é preciso acolher. Ouvir e acolher, atitudes constantes em Jesus, que estabelecem a empatia e libertam em profundidade.

A experiência da comunicação profunda, de coração a coração, onde o outro pode ser a si mesmo, sem máscaras, é uma experiência libertadora. Esta experiência tira a

pessoa de si mesma e a lança para novos horizontes, para a transcendência de si mesma, fruto da comunicação profunda que a integra na totalidade do seu ser. Esta foi a experiência de amizade de Marta, Maria e Lázaro. Não foi só a vida física restaurada. A vida, integração do ser, voltou para esta casa!

Outro exemplo é o da cura do cego de nascença, caracterizado como o sexto sinal, no Evangelho de João, capítulo 9.

Até os discípulos de Jesus pensavam que esta cegueira era devida a pecados cometidos pelos pais do cego, trazendo à tona a idéia de castigo. Jesus conversa com os discípulos e explica a eles que ninguém pecou, mas isso aconteceu para que se tornassem manifestas as obras de Deus, o Pai. E Jesus lembra-lhes que ele é o comunicador do Pai, utilizando símbolos como dia-noiteluz: "Nós temos que realizar as obras daquele que me enviou enquanto é dia. Está chegando a noite, e ninguém poderá trabalhar. Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo".

É de dia e na luz que trabalham os comunicadores do bem. A cegueira é como trevas, como noite escura que impede as pessoas de trabalharem e revelarem o Pai.

A comunicação de Jesus agora passa pelo tato, pelo olfato. Ele faz uma ação tão trivial que os puritanos jamais atribuiriam ao Filho de Deus: cospe no chão, mistura a sa-

liva à terra, fazendo barro. Este barro é passado nos olhos do cego com a recomendação: "Vá lavar-te na piscina de Siloé". O cego foi e voltou enxergando.

A experiência de libertação da cegueira é tão grande e profunda que enche o cego de alegria! Ele não sabe quem o curou. Só sabe que enxerga e sabe que quem faz o bem só pode vir de Deus. A experiência de ver, desperta, dentro dele, a disposição para crer e acolher a revelação que Jesus vai lhe fazer.

Jesus, por sua vez, não se preocupa em dizer quem ele é. Preocupa-se sim em fazer as obras do Pai, porque são estas obras que vão manifestá-lo e ele será reconhecido como o "Filho do Homem". A relação pessoal estabelecida entre o cego e Jesus, foi depois completada com a revelação da identidade do próprio Jesus: "Você acredita no Filho do Homem? Quem é ele, Senhor, para que eu acredite nele? — Você o está vendo; é aquele que está falando com você". Esta revelação de Jesus provocou a resposta da fé: "Eu acredito, Senhor" e se ajoelhou diante dele.

Na experiência profunda, acontece a comunicação da pessoa consigo mesma e com o Deus da Vida, revelado em Jesus. Desta experiência nasce o compromisso de ser também comunicador do Pai. A autenticidade da experiência de Deus, se comprova na ação de fazer também as obras que Jesus fez.

Comunicação de Jesus com a mulher

Jesus mantém a mesma atitude de respeito, acolhimento e ternura, no seu relacionamento, sempre que sente que alguém precisa se comunicar em profundidade com ele. O texto de Lc 7,36-50 "O perdão gera o amor" é uma ilustração de como Jesus se relacionou com uma mulher "conhecida na cidade como pecadora".

1:

Este fato mostra o cotidiano de uma mulher "pecadora" e os objetos de sedução que utiliza: frasco, perfume, cabelos. Com certeza, ela se vestiu e maquiou adequadamente. O fato mostra também o cotidiano dos homens daquele tempo. Um fariseu que convidou Jesus para uma refeição em sua casa. Jesus nunca teve muita afinidade com os fariseus, conhecidos como legalistas ao extremo. Mostra, ainda, que Jesus não vivia uma vida afastada do comum das pessoas do seu tempo. Com certeza, o convite a uma pessoa como Jesus, conhecido como profeta, tinha alguma finalidade. Talvez esclarecer algum ponto da lei. A casa deveria ser acessível, aberta e permitir a frequência de outras pessoas como esta mulher.

Jesus vai à casa do fariseu para uma refeição. "Jesus entrou na casa... e se pôs à mesa". Mesa, lugar de partilha, conversa, comunicação e comunhão. É ao redor da mesa que fazemos a refeição. Dela participam pessoas da família, amigos e, no mínimo, pessoas que aco-

lhemos. Jesus entrou na casa, lugar do aconchego, da segurança, da intimidade. Ele entrou, não ficou do lado de fora, mas entrou na vida daquelas pessoas.

A mulher, "conhecida na cidade como pecadora", utiliza as coisas e os gestos do cotidiano para expressar a Jesus quanto o ama: perfume, beijos, lágrimas. Ela toca Jesus, passa nele perfume, seca com os cabelos. São os mesmos elementos de sedução com os quais expressa, agora, o carinho, a vontade de amar, ser amada e respeitada, dando nova direção à própria vida. Os elementos utilizados pela mulher são sensíveis aos tato e olfato.

Esta mulher não tem nome. Falta-lhe a identidade pessoal. Ela só é identificada com o que os outros dizem dela. O Evangelho a descreve como "certa mulher, conhecida na cidade como pecadora". E o fariseu reforça esta visão machista quando diz: "Se ele (Jesus) soubesse que tipo de mulher está tocando nele..."

A mulher não fala. A comunicação dela está nos gestos: ajoelha-se, beija os pés de Jesus, chora, perfuma, acaricia com os cabelos. Expressa em gestos o que lhe passa no coração. O que será que ela diria de si mesma? O que ela gostaria de dizer aos que a estão observando e julgando? Mas não é preciso expressar com palavras aquilo que é dito em gestos, que falam mais que mil palavras! Jesus entendeu tudo, entendeu o que se passava naquele coração. Colocou-se, com

certeza, no lugar da mulher e sentiu a humilhação que ela estava passando.

E Jesus, como trata a mulher?

Acolhe-a em toda a sua expressão de amor, de vontade de ter vida plena. Ele expressa, com palavras, o respeito que tem por ela, dizendo a Simão: "Está vendo esta mulher?" E reforça a Simão e aos presentes, que a tinham julgado mal, todos os sinais e gestos expressos por ela, repetindo um a um: "Entrei em sua casa e você não me ofereceu água para lavar os pés; ela, porém, banhou meus pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos. Você não me deu o beijo da saudação; ela, porém, desde que entrei, não parou de beijar meus pés... Por esta razão, eu declaro a você: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor". Jesus redime a mulher não só na consciência dela, mas diante dos que a conheciam e a julgaram.

A paz é sinal da comunicação profunda de Jesus com a mulher. Aquela empatia que refaz a pessoa por dentro, e ela se sente livre e em condições de recomeçar, não no mesmo lugar em que se encontrava, mas um passo adiante, assumindo seu próprio crescimento.

Consequência para quem segue Jesus comunicador

A comunicação de Jesus interpela a nossa comunicação de pessoas chamadas para a relação de uns para com os outros e a manifestar o amor e o rosto do Pai, que nos ama.

- Só é capaz de uma comunicação verdadeira quem é gente, quem é humano, quem acolhe as pessoas no cotidiano. A empatia é uma atitude fundamental de quem é gente, de quem quer manifestar Deus, antes de tudo, sendo humano. Quem é profundamente humano, é seguidor de Jesus. Não ter medo de sujar as mãos com o barro da nossa fragilidade ou dos outros, de ser mal interpretado por causa de gestos humanos que ajudam o semelhante a ser ele mesmo e a encontrar-se.
- A comunicação requer uma auto-crítica constante das posturas adotadas, seja pela educação, seja pelos encargos sociais e religiosos. Toda prepotência, afasta as pessoas e impede que estabeleçamos com elas a comunicação. A auto-crítica faz a gente descer do pedestal do saber, do poder e nos situar na realidade do outro.
- ◆ Para ser autêntica, a evangelização precisa partir do humano. Requer uma atitude humana. Muitas vezes, nossas atitudes desumanas podem anular anos de trabalho ou iniciativas preciosas, caindo no descrédito. Daí a importância do cultivo de si mesmo como pessoa, da experiência e contemplação contínuas das atitudes de Jesus de Nazaré para que, aos poucos, nos tornemos como Ele. É de Jon Sobrino, teólogo de El Salvador, esta frase:

"A vida que é caminho (testemunho) se torna verdade". A comunicação de Jesus ajuda-nos a rever nossa própria comunicação para que nossa vida se torne verdade pelo testemunho, que é um caminho a seguir. Só assim podemos nos tornar, como Jesus, caminho, verdade e vida para as pessoas.

- As relações de proximidade de Jesus com as pessoas iluminam as nossas. Ele se deixou tocar, sobretudo pelos mais pobres e indefesos da sociedade. E nós sabemos olhar, escutar, tocar e nos deixar tocar pelos outros?
- As obras de Jesus é que testemunham e comunicam o Pai. Elas revelam quem Ele é. Quem vê Jesus, vê o Pai. Quem vê as nossas obras, será que também vê o Pai?

E o Verbo se fez Palavra, se fez Imagem, em Jesus Cristo, comunicador do Pai. E a Palavra se tornou som na palavra do próprio Jesus: som para ser ouvido, imagem para ser vista, acolhida, saboreada pelos seus seguidores.

A Palavra se tornou corpo, no corpo de uma mulher, Maria. E o corpo foi ponte, sinal visível do Deus invisível, para que o Pai fosse conhecido. Pelo corpo, a Palavra pode ser ouvida, vista, tocada, apalpada com as próprias mãos porque esta Palavra é o Verbo da Vida e dele é que damos testemunho, não porque nos falaram dela, mas porque nós mesmos fizemos experiência.

Falamos a vocês e a todos que nos escutam, tudo isso, para que vocês estejam em comunicação conosco. A nossa comunicação é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo, conforme diz João no capítulo primeiro de sua primeira carta.

QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

- 1. Só pode haver comunicação quando há um universo comum, um mínimo referencial conhecido de ambas as partes. Como procede Jesus para ser comunicador do Pai?
- 2. Tendo presente o modo de proceder de Jesus, que sinais de empatia comunicativa podem ser percebidos na sua ação pastoral e de sua comunidade?
- 3. Procure perceber a partir do Evangelho como se dá a comunicação de Jesus com as mulheres de seu tempo e de sua vida?

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. São Paulo, Edições Paulinas, 1990. CNBB. Manual da Campanha da Fraternidade — 1989. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1989. CORAZZA Helena. "Comunicação na ótica da mulher". In produção do I Seminário da Mulher Consagrada — CRB Nacional, Rio de Janeiro — Caderno nº 12, 1992. FORTE, Bruno. Cadernos de Espiritualidade da Família Paulina — Brasil — Ano 1 — n. 2 — agosto de 85. São Paulo, Edições Paulinas, 1985. FORTE, Bruno. Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da História. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.

EMPENHO APOSTÓLICO DA IGREJA COM OS IRMÃOS NÔMADES

"Partiram fogosos e procuraram lançar-se para percorrer a terra", Zacarias 6,7.

Padre Paulo Pedro

Belo Horizonte, MG

A pastoral dos nômades

Povo de Deus que caminha, a Igreja tem uma bonita e numerosa porção de seus filhos vivendo uma real e contínua itinerância. São os nossos irmãos nômades: ciganos, circenses e parquistas.

É claro que nem todos os povos nômades são ciganos, circenses ou parquistas. Mas todos os ciganos e membros atuantes de companhias circenses ou de parques de diversão são nômades.

Em várias ocasiões, os Papas têm recebido em audiências especiais muitos nômades das companhias circenses e dos grupos ciganos.

No Ano Santo de 1975 o Papa Paulo VI acolheu uma peregrinação de 2.500 ciganos vindos de diversos países. Deixando de lado o texto oficial, o Santo Padre fez uma longa e belíssima alocução recordando os agradáveis encontros que teve com muitos ciganos quando era Cardeal Arcebispo de Milão e ressaltando: "A Igreja vos ama. Eu gostaria de caminhar convosco. Vossa vida, em muitos aspectos, se assemelha à vida de Jesus..." (Rev. Rom. — Calão, nº 26, 1990, págs. 10 a 16).

Em 1989, o Papa João Paulo II, encerrando o 3º Congresso Internacional da Pastoral dos Nômades, em Roma, disse: "O mundo deve mudar sua atitude a respeito dos ciganos: a tolerância não basta, fazse necessário o espírito fraterno. Temos muito a aprender com eles. Eles

sofreram muito por causa das privações, insegurança e perseguições. Por isso mesmo muito têm a dizer..." (L'Osservatore Romano, 10/11/89, pág. 4).

A Pastoral dos Nômades está ligada à Pontifícia Comissão para a Pastoral das migrações e dos itinerantes.

Em vários países sacerdotes, religiosos e leigos se dedicam a esta Pastoral procurando cumprir os principais objetivos que constituem o empenho da Mãe Igreja:

- Ser presença da Igreja entre os nômades: Oração, Catequese e Celebração dos Sacramentos;
- Promoção humana e social: Alfabetização, Artesanato, inter-relacionamento com os sedentários;
- Pregações e palestras nas paróquias sobre a Pastoral, a vida e a Cultura dos Nômades.

Aqui é importante realçar uma outra mensagem do Papa Paulo VI em maio de 1978: "Os grupos mais fechados em si mesmos exigem presenças contínuas, muito próximas à sua vida, que cheguem também à convivência" (cf. Dec. Ad Gentes Divinitus, no 10) ... A peculiar originalidade deste setor apostólico postula uma especial atenção por parte dos Pastores... Figura típica é aquela do sacerdote que se dedica à assistência pastoral dos nômades, transmitindo-lhes o maternal desvelo da Igreja e a mensagem de evangelização e de salvação... Ao

capelão dos nômades as Igrejas locais devem expressar simpatia e apreço pela difícil missão, sustentálo nas suas necessidades e proporcionar-lhe fraterna acolhida e solidária inserção no presbitério... As experiências pastorais em ação mostram sempre mais a exigência de trabalhar para suscitar vocações sacerdotais e religiosas em meio ao próprio mundo nômade..." (Rev. Rom — Calão, nº 26, 1990, págs. 17, 18 e 19).

Neste sentido, em muitos países, Diáconos e Seminaristas têm se dedicado à Pastoral dando um bonito testemunho de presença e convivência nos acampamentos.

Já existem religiosos e sacerdotes filhos de ciganos.

A pastoral dos nômades no Brasil

Atualmente, há no Brasil quatro sacerdotes liberados a tempo integral para esta Pastoral. Também algumas religiosas, um Diácono, alguns seminaristas e vários leigos se dedicam a esta missão. Todos procuram, em primeiro lugar, estar com eles e cultivar uma grande amizade.

Vivendo numa pequena barraca "de acampamento em acampamento" (Gen 12,9), numa atmosfera bastante eremítica, caminhando na ponta dos pés para não destruir as boas sementes de bonitos valores que o Verbo já esparziu ali e assumindo uma consciência cada vez mais profunda da espiritualidade do "Servo inútil" (Lc 17,10), cada

qual, a seu modo, vai procurando se conformar à mensagem Daquele "que não tinha onde reclinar a cabeça" (Mt 8,20).

Também alguns sacerdotes de paróquias dão acolhida e bom atendimento aos nômades de acordo com os privilégios que a própria legislação canônica prevê para os Vagos. Aliás, é bom salientar que a Pastoral aqui começou quando, em algum lugar do vasto território brasileiro, um sacerdote ou outro membro da comunidade soube acolher, compreender e atender um irmão nômade. Mas, para registro da História, não se pode esquecer que, oficialmente, a Pastoral começou em 1985, quando o então bispo de Caxias do Sul, D. Benedito Zorzi, trouxe da Itália o Padre Renato Rosso, possuidor de uma grande experiência de caminhada com os nômades. Após o falecimento de D. Benedito Zorzi, o bispo D. Paulo Moretto assumiu a diocese e é o Presidente da Pastoral dos Nômades do Brasil, cujos Estatutos destacam as seguintes finalidades:

- 1) "A Pastoral dos Nômades procura desenvolver suas atividades atendendo às orientações e diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Linha 6) e visando a promoção humana e cristã das pessoas e dos grupos que integram o povo nômade nas seguintes características: ciganos, pessoal dos circos e dos parques de diversão.
- O serviço da Pastoral dos Nômades entende-se como um conjunto de atividades e estruturas vol-

tadas para o conseguimento dos valores religiosos, pedagógicos em geral, culturais e sociais dos nômades.

- 3) Destacam-se entre as atividades da Pastoral dos Nômades as que se referem ao estudo e a pesquisa a respeito da realidade dos Nômades cuidando da publicação e da divulgação das mesmas.
- 4) Para realizar as finalidades descritas, as pessoas da Pastoral dos Nômades deverão ser caracterizadas pelo espírito de encarnação evangélica, isto é, o contato direto e até o convívio com o mundo nômade, evitando-se qualquer forma de paternalismo."

A Pastoral, como Organismo, está ligada à Linha 6 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que declara no Documento 40 "Igreja: Comunhão e Missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura": 260. "Há no Brasil uma população cigana que ultrapassa numericamente a população indígena. Ela também merece os cuidados de uma evangelização adaptada à sua cultura. O conhecimento desta minoria étnica pode ajudar na orientação de outras minorias, pois ela tem conseguido sobreviver na sua identidade cultural, usando recursos da cultura dominante sem ser cooptada por ela."

Todos os anos há uma Assembléia Nacional com a participação de todos os membros envolvidos diretamente na missão da pastoral. São encontros de partilha, troca de experiências e estímulos. Mas é di-

fícil traçar um programa para cada ano, porque a vida nômade é dominada pelo imprevisível e pelo imediato. A data de um Batismo ou de um Casamento, por exemplo, é decidida, às vezes, três dias antes. Basta chegarem os padrinhos ou conseguirem o necessário para a Festa que tudo fica decidido. Se o capelão não está com o grupo, logo a Paróquia é procurada para a realização da cerimônia religiosa. Há chefes ciganos que se ajoelham diante do vigário ou beijam o seu peito pedindo, com lágrimas nos olhos, 'o Batismo ou o Casamento de alguém do grupo. Alguns vigários não entendem e não atendem. Ignoram que este gesto de humildade e submissão é uma pública e sincera Profissão de Fé e de respeito para com a Igreja. Um gesto tipicamente bíblico, próprio dos "Pobres de Javé" e que traz consigo um certificado impresso na folha de um coração simples e puro, talvez muito mais autêntico do que outros que são só papel e tinta.

Com bonitas festas ou concorridas peregrinações ao seu Santuário Nacional, os ciganos são muito devotos de Nossa Senhora Aparecida e alguns costumam chamá-la de Santa Sara do Brasil.

Quem são os nômades?

Os ciganos saíram da Índia há mais de mil anos. Depois de passarem pela África chegaram à Europa. No século XVI já estavam espalhados por todos os países do Velho Mundo.

No Brasil chegaram em 1574 e há uma publicação de 1991 que diz existirem mais ou menos 800 mil ciganos entre nós. A maior parte se concentra nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país.

Apesar de sofrerem uma séria descaracterização, procuram conservar sua Cultura e costumes próprios, sobretudo a língua que falam entre si, o Romani, falando a língua local com os não-ciganos.

A descaracterização acontece pela mudança da identidade cigana, através de propostas desviantes e da imposição de modos de vida, por exemplo, a sedentarização. Também certas publicações, telenovelas e uma espécie de "ciganismo" em moda com fantasias que não correspondem à realidade, visam destruir o povo Cigano.

Os ciganos são muito unidos e um forte espírito familiar perpasse todo o grupo. Ricos, pobres e até como esmoleres cultivam uma profunda partilha entre si.

Eles são, basicamente, artesãos, comerciantes e artistas, procurando ganhar para sobreviver no dia-a-dia sem se preocupar com o amanhã. Pobres ou ricos, não têm mentalidade de capitalização e vivem a mensagem: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje" (Mt 6,11). São excelentes joalheiros e douradores. Os que vivem de esmolas e furtos são minoria.

Praticam uma moral muito rígida. Enganam-se, totalmente, os que imaginam que os acampamentos ou os circos vivem uma promiscuidade. Um Código de Ética próprio, passado oralmente de pais para filhos, regula a vida do acampamento com grande rigorismo. Mas, como os antigos judeus, não têm as mesmas obrigações com os não-ciganos. Para entender isto podemos comparar os seguintes textos bíblicos: Ex 20,13-17: com Nm 31,7-18 e Js 3,9-10. Os judeus eram um povo nômade do deserto. Os ciganos são um povo nômade também. A Lei Judaica é para os judeus. A Lei Cigana é para os ciganos.

As crianças são a bênção e os anciãos a honra do grupo. Nada é feito sem ouvir a opinião dos mais velhos. Muitos deles, às vezes doentes ou até paralíticos, são amarrados sobre o lombo de burros (quando se trata de ciganos tropeiros), mas o grupo não os deixa para trás.

Os ciganos têm uma profunda religiosidade, com fortes características orientais. São muito devotos de Santa Sara, de Nossa Senhora e de vários santos fazendo e cumprindo promessas de modo muito solene. Apreciam muito invocar Nossa Senhora de Caravaggio (a querida de todos os Vagos) e Nossa Senhora do Desterro (a que fugiu para o Egito com José e o Menino). Muitos ciganos dizem que seus antepassados vieram do Egito.

No Brasil os ciganos se identificam com os católicos e não aderem a nenhuma seita. Fazem questão de celebrar o Batismo e o Matrimônio com vários dias de uma grande festa para a qual convidam, também, os não-ciganos. A Virgindade é um grande valor que cultivam. Uma noiva cigana não apenas se fantasia de virgem. Ela é virgem de fato. O grupo é vigilante antes e depois do casamento. Não admite o uso de contraceptivos nem pratica o aborto.

Os ciganos deram origem aos circos. Com eles nasceram os espetáculos ambulantes dos saltimbancos, malabaristas e ilusionistas. Influenciaram o surgimento de vários acontecimentos folclóricos. Contribuíram fortemente com o mundo da música e tornaram-se exímios violinistas. De maneira fantástica dominam, também, o violão e o acordeom.

Muitos circos de fama internacional são de ciganos, mas há também circos e artistas não-ciganos.

Também dos espetáculos ambulantes e comércio itinerante nasceram os Parques de Diversão. Alguns de seus proprietários e funcionários são também ciganos.

Resumidamente, aqui estão registrados alguns detalhes da História do Povo Cigano constituído de várias raças ou nações. Na verdade, sua Pré-História é muito mais importante e remonta não apenas a raízes indianas, mas, também, conforme alguns pesquisadores, a longínquas raízes semitas. Verificamos isto nas raças mais orientalizadas. Através das influências que sua língua sofreu, pode-se, ao menos em

grandes linhas, recompor seu camínho geográfico e cronológico até às raças mais ocidentalizadas.

Não importa se são ricos ou pobres. Não importa se andam em bonitos carros, a cavalo ou a pé. Todos são ciganos. Se tirarmos seus adornos, ficará sua pele. Se arrancarmos sua pele, ficará o sangue. Se extrairmos seu sangue, permanecerá a alma cigana.

Esse povo nunca aspirou o poder, nunca fez uma guerra, nem promove assaltos, saques ou sequestros.

Embora se pensasse, há cem anos, que estariam fadados à extinção, mostram que sobreviverão muitos outros cem anos, apesar das grandes perseguições como, por exemplo, na Segunda Guerra Mundial, quando quase meio milhão deles foram mortos por nazistas e fascistas.

Desde 2 de março de 1979 estão presentes na ONU como organismo não governamental através da União Internacional Rom.

Embora protegidos pela Constituição Brasileira nos artigos 153 até 177, que não faz distinção de raças e garante os direitos das minorias, estão longe de serem considerados cidadãos legítimos mesmo cumprindo seus deveres perante o Estado.

Apesar das discriminações e perseguições, vivem cheios de coragem, força, perseverança, alegria e conformidade. Sabem tocar e cantar muito bem a canção da amizade, cativando-nos com as bonitas danças dos seus corpos e dos seus corações que vibram de sentimentos e de amor. Quando são amigos, são de verdade.

Certa vez uma pessoa disse: "Por que o padre está procurando os ciganos? Eles lhe roubaram alguma coisa?" E o padre respondeu: "Eles roubaram o meu coração. Eu gosto muito deles."

Eis sua filosofia de vida: "A Terra é minha pátria, o Céu é o meu teto e o meu deus é a liberdade."

Indicações pastorais

Não tenha medo dos ciganos. Experimente se aproximar deles fazendo uma visita a um acampamento. Haverá uma natural desconfiança no início, mas, após três ou quatro visitas, ela se rompe e vai brotar uma verdadeira amizade. Essas visitas só podem acontecer durante o dia, não devem ser demoradas e, de preferência, uma ou duas pessoas somente. Enquanto não for verdadeiramente amigo, não leve grupos de pessoas a um acampamento. Cativando as crianças e os velhos, todo o grupo vai ficar cativado e demonstrará um afeto muito puro e sincero. Havendo oportunidade reze com eles e nunca se esqueça de rezar por eles. E saiba que em vários outros acampamentos do mundo muitos estão rezando por nós. Jesus Cristo continua armando sua tenda (cf. Orig. grego do Evangelho de Jo 1,14).

Muitas vezes nós O marginalizamos e Ele vai para a periferia das periferias: "Não havia lugar para eles..." (Lc 2,7).

Vá até lá. Faça como os pastores nômades procurando o Salvador que assumiria um estilo de vida nômade: "Foram com grande pressa e encontraram..." (Lc 2,16).

Indo e vendo, procure assumir a mensagem do Profetismo Nômade do Povo de Deus: "Amplia o espaço da tua tenda, desdobra sem constrangimento as telas que te abrigam, alonga tuas cordas, consolida tuas estacas..." (Is 54,2).

Certamente haverá uma grande renovação da nossa vocação e o despertar de muitas outras: "Todos os que ouviam os pastores ficavam admirados" (Lc 2,18).

QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

- 1. Tendo presente a palavra do Papa (não basta tolerância mas se faz necessário o espírito fraterno) que atitudes você percebe realmente em você e seu grupo em relação aos nômades?
- 2. Numericamente os nômades ciganos no Brasil ultrapassam as nossas comunidades indígenas. Seus valores culturais milenares não deveriam ter especial atenção de nossa parte? Quais os que mais podem conflitar com nossas estruturas paroquiais?
- 3. É perceptível na realidade onde você vive algum sinal de vida nômade onde a Igreja deve se fazer presente? Como?

A Nova Evangelização não consiste num "novo evangelho" que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise sobre as necessidades do homem. Não seria "evangelho" mas pura invenção humana. E a salvação não se encontraria nele. Nem mesmo consiste em retirar do Evangelho tudo aquilo que parece dificilmente assimilável. Não é a cultura a medida do Evangelho, mas Jesus Cristo é a medida de toda a cultura e de toda a obra humana. A Nova Evangelização não nasce do desejo de agradar aos homens ou de procurar o seu favor, mas da responsabilidade pelo dom que Deus nos fez em Cristo, pelo qual temos acesso à verdade sobre Deus e sobre o homem e à possibilidade da vida verdadeira. João Paulo II, Discurso de Abertura da IV Conferência Geral do CELAM, 12 de outubro de 1992, em Santo Domingo, República Dominicana.

OS JOVENS E A IGREJA

Não há dúvida que a Igreja-Hierarquia:
bispos, clero e religiosos,
sempre olhou com carinho a juventude.
A simpatia pelo jovem sempre foi enorme.

Pe. Hilário Dick, S. J. Porto Alegre, RS

A reflexão que aqui vai não conseguiu ser nova na problemática que aborda mas tenta ser a compreensão de uma realidade que muito nos deveria interessar. O fato que escolhemos para gerador da descrição do fenômeno que o título sugere são as assinaturas que os jovens da Igreja Católica e de grupos jovens enviaram, em 1990 e 1991, para a CNBB, pedindo que a juventude fosse tema da Campanha da Fraternidade. As assinaturas giraram em torno dos 500.000, conseguindo o seu objetivo. O que levaria os jovens a fazer esse pedido? O que motivaria a CNBB a aceitar esse tipo de pressão? A novidade maior parece estar do lado da juventude e não da instituição eclesial. Se isso é verdade, a Campanha "Juventude Caminho Aberto" possibilitou a todos nós a vermos um "kairós" em nossa Igreja. O "kairós"

não é fruto humano; é a revelação do Espírito de Deus agindo nas pessoas e nas instituições que lhes pertencem de modo divinamente soberano. A Campanha da Fraternidade de 1992 foi uma prova de que a Igreja não é só obra humana, mas que é o Espírito que, ultimamente, tem a última palayra.

5. ,

Para entendermos o que sucedeu, dividimos a reflexão em três partes: olhamos, primeiramente, a Igreja-Instituição como tal, relacionandose com os jovens; em segundo lugar damos um vistaço no que sucede no mundo dos jovens com relação à Igreja; e, em terceiro lugar, tentaremos compreender o fenômeno do jovem sendo Igreja.

I. A IGREJA

Não há dúvida que a Igreja, sempre, olhou com carinho a juventu-

es a torre

erle ser

de. Referimo-nos, aqui, à Igreja-Hierarquia: bispos, clero e religiosos. A simpatia pelo jovem sempre foi enorme. Basta ver, por exemplo, o que sucedeu especialmente no século passado. O investimento em colégios católicos e a dedicação a obras assistenciais, tendo como objeto o jovem, chegam a ser impressionantes. A motivação ia muito além do simplesmente conjuntural. Ela atingia o coração das Congregações através daquilo que se compreende como "carisma". Fôssemos levantar o número de Congregações Religiosas, masculinas e femininas, que têm como carisma a dedicação à evangelização da juventude, o número seria muito grande. Quantos fundadores e fundadoras de Congregações não são conhecidas por seu amor à juventude! Logo nos vem à cabeça os nomes de Champagnat, La Salle, João Bosco, Maria Mazarello, Murialdo e outros. Uma das grandes paixões de todos eles era, sem receio, a juventude em suas diferentes realidades.

Era a Igreja-Hierarquia, clerical, aberta para a realidade juvenil. Era o jovem recebendo, de cima ou do lado, uma mão amiga. Já que a sociedade não o assumia como devia, a Igreja abria as portas à criatividade e tentava abraçá-los com sua vocação de Mãe. É verdade que a forma que encontrou — apesar dos lazeres e das ocupações — foi, muitas vezes, o banco da escola, onde o direito se tornava um conjunto de persuasões na dimensão da fé, mas o que valia, de fato, era o amor à

juventude casando-se com enormes necessidades que, aos poucos, foram cedendo a outros interesses matreiros de uma sociedade de pecadores.

Olhando a mesma realidade de outro ângulo devemos reconhecer que a situação não deixa de ser ambígua. Estamos pensando concretamente no investimento e na dedicação que a mesma Igreja possibilita e sustenta com relação ao mundo da criança. Se fôssemos comparar os dois, na preocupação da evangelização, teríamos que reconhecer que o mundo da criança, com as suas diferentes realidades, é bem mais próximo à Igreja e sua pastoral do que o mundo dos jovens. A criatividade e o investimento oficial nos dois campos é de uma desproporção que só não vê quem não quer. Outra exceção é a Pastoral Vocacional. Parece que chega certa idade onde o jovem/adolescente é largado no mundo; a criança mimada de ontem se torna um bezerro solto no campo onde não deixa de haver leões e sucuris... Quais os espaços oficiais que a Igreja oferece ao jovem na sua formação na fé? Parece que a Crisma é a instância última. Só para os mais valentes sobra algo mais do que os cursos de noivos.

Houve, no entanto, uma experiência que marcou profundamente a atitude da Igreja-Instituição com o jovem. Foi e é a Ação Católica. Embora tenha sido uma iniciativa de cima, isto é, da visão missionária de Pio XI reconhecendo que o

"leigo", na sua vocação batismal, deveria ser a longa mão do bispo inserida nas diferentes realidades terrenas, foi a juventude que compreendeu melhor o sentido da intuição do Papa e partiu para organizar-se na dimensão da fé segundo a Ação Católica Especializada. É vital darnos conta que esta novidade surgiu do mundo operário, na Bélgica, assistido pelo então P. Cardijn. Era a época, aliás, em que os jovens começavam a ser juventude. No Brasil essa experiência dos jovens assumindo a sua caminhada no campo da Universidade, da roça, do colégio e da fábrica foi tão forte que assustou a hierarquia e a sociedade. Gustavo Gutierrez não deixa de confessar que um dos lugares onde ele aprendeu a sistematizar a sua fé de modo mais encarnado foi nos encontros que assistiu dessa juventude das ações católicas especializadas. Não é por nada que o conceito de Igreja que o Vaticano II defende (1962-1965) não é tanto o Corpo Místico (uma verdade que não deixa de ser verdade) mas o conceito de "Povo de Deus". A Igreja clerical tinha que ceder seu espaço para uma Igreja-de-todos. Seja como for, no Brasil, a Igrejacarinho-com-os-jovens tornou-se, junto com a bênção da ditadura militar, a Igreja-medo-dos-jovens. E quem tem medo, reprime.

Em lugar da Ação Católica Especializada o que faz a Igreja-Instituição? Um pouco arrependida do que fizera, puxa das mangas uma solução mais conforme à sua maneira de ser "senhora" e não tanto

servidora: o encontrismo. Munidos de uma pedagogia de impacto, de novidade e de mistério, centenas de tipos de encontros com os jovens foram surgindo por todo o Brasil, tendo como fonte inspiradora o cursilho de cristandade. Aliavam-se vários fatores: repressão aos movimentos estudantis e sindicatos, falta de espaço para o jovem e abertura litúrgica com a missa em português e a licença de usar o violão e a guitarra nas eucaristias. Foi um sucesso! Nada, no entanto, daquilo que os jovens de antes estavam descobrindo em seu novo modo de ser Igreja. É dentro desse contexto que aparece, igualmente, a figura carismática do Pe. Zezinho, um sacerdote que não deixa de merecer um monumento porque foi ele que, com sua música e seus escritos, fez muito jovem re-aproximar-se daquela figura que não considerava mãe, mas madrasta: a Igreja.

Embora o Vaticano II não tenha quase nada para os jovens, além da mensagem dirigida a eles, foi Paulo VI, o Papa que implantou o Concílio e com antiga experiência de assistente da FUCI, que disse a frase que marcaria época: o jovem evangelizador do próprio jovem...

Aqui na América Latina, a juventude é o capítulo quarto das Conclusões de Medellin. Os bispos começam dizendo que "a juventude, tema atual e digno de grande interesse, constitui, hoje, não só o grupo mais numeroso da sociedade latinoamericana, senão uma grande força nova de pressão". Vivia-se, então, o

espírito do maio de 1968, de manifestações variadas em muitas partes, e os bispos falam da juventude "como de um novo organismo social". Essa realidade foi amadurecendo de tal forma que 10 anos depois, em Puebla, mesmo de forma um tanto atrapalhada, a Igreja da América Latina faz a opção preferencial pelos jovens. No Brasil, nesta época, em termos de Igreja, não tinha — em termos de CNBB um setor de jovens. As bases, no entanto, estavam ativas discutindo algo que nunca tinha sido discutido, isto é: como vivência de Igreja, qual a melhor maneira de nós nos organizarmos? Isso, não vinha de cima; isso vinha de baixo. Em 1983, por surpresa de muitos, a CNBB escolhe os jovens como "Destaque" no seu Plano de Ação. Em 1985, aproveitando um fato que, em si, não tinha nada a ver com a Igreja, os jovens usam o Ano Internacional da Juventude para se articularem melhor, reforçando aquilo que já se tornava conhecido como "Pastoral de Juventude". E, com altos e baixos, vivendo até uma crise de vanguardas, o jovem chegou em 1992 sendo tema da Campanha da Fraternidade. O que chama a atenção é que a Igreja-Instituição, em todo este processo, mais do que sujeita, se torna a invadida pelos jovens. Assim como os pobres invadiram a Igreja, os jovens pressionaram a atenção daquela que, apesar de tudo, considera como Mãe.

Fica claro que a Igreja-Instituição, em todo este tempo, vive o drama interno de modelo a ser assumi-

do. Por um lado, a sua tendência histórica hegemônica é de não perder o controle do Espírito traduzido em seu clericalismo. Por isso que tem mais facilidade em aceitar "movimentos" que não a questionem muito em sua identidade de ser a serva de todos, e não a senhora que manda. Por outro, ao mesmo tempo que vibra com a afirmação do leigo assumindo sua vocação batismal, custa-lhe reconhecer que o poder e a missão devem ser partilhados por todos os que vivem a fé cristã. Por isso a dificuldade em aceitar, em profundidade, aquilo que seja a "Pastoral de Juventude'. É considerando tudo isso que afirmamos que a Campanha da Fraternidade de 1992 foi um "kairós" onde a Igreja na sua postura mais evangélica, deixou-se questionar para ser fiel à novidade que a fé sempre exige.

II. O JOVEM

Apesar de a Igreja Católica, no Brasil, ser a instituição com mais credibilidade junto ao povo, o jovem não simpatiza com a Igreja. O jovem não gosta da Igreja. Parece que o querem colocar numa "camisa de força". As razões são muitas e com diferentes tonalidades. Desejamos insistir em algumas.

A Igreja representa, em primeiro lugar, autoritarismo. É a revolta contra a figura do pai, da mãe e de tudo que "manda". Na descoberta de sua liberdade, não lhe agradam os limites. É uma busca do saber viver e do conviver. E o que suce-

de na sociedade é que o padre, o bispo ou a irmã não deixam de ser apresentados como "autoridade". Pior: como autoridade sagrada. De conotações psicológicas, a questão do autoritarismo é mais ampla que psicológica.

A Igreja representa, também para o jovem, repressão e, especialmente, não-compreensão da pulsão sexual brotando a mil em seu corpo que cresce. Quem vai conter esta pulsão? E aí aparece para ele, de forma atrevida e farisaica, a figura da Igreja. Quais são, ultimamente, os questionamentos que o jovem consegue expressar neste estado de espírito que vive? Os questionamentos, ao menos daqueles que conseguiram juntar um pouco mais de informações, referem-se à riqueza do Vaticano, às torturas da Idade Média, ao celibato dos padres e às normas morais. Se a riqueza do Vaticano se coloca na questão do poder imperial, as torturas da Idade Média mexem com as contradições que se chocam com a autenticidade e a honestidade que o jovem tanto defende em seu discurso idealista que não tolera falsidade. O celibato e as normas morais da sexualidade referem-se ao mundo que o jovem vai descobrindo em seu próprio corpo, aparecendo-lhe como proibido uma coisa não só sua, mas vitalmente gostosa. A rejeição torna-se, por isso, moral e psicológica, tomando as feições do teológico que apressadamente conclui.

É que o jovem, na sua intuitiva autenticidade, é mais simpático ao pobre do que ao rico. Ele deseja ver compromisso, honestidade e liberdade. Por isso quase que cai do cavalo quando a Igreja consegue aparecer-lhe como pobre, comprometida, honesta e livre. Aí prefere dizer que esta Igreja não existe.

O jovem é aberto ao plural e parece que, na Igreja, ele é levado a viver o "singular". Ele gosta de religião, mas não de Igreja. Dizem que a USP está cheia de manifestações religiosas. É que o jovem é ecumênico; não lhe agradam as expulsões eclesiásticas. Custa-lhe aceitar qualquer instituição. Elas não casam com seu amor universal.

Um fato nos parece fundamental termos em conta nesta questão: a mudança que significa, para o jovem, no seu relacionamento com a Igreja, a descoberta de que ele não é só jovem, mas juventude. No fundo é a diferença que há entre massa e povo. A massa é algo que se pode manipular com facilidade porque não há consciência de algo maior que se pode traduzir em objetivos comuns. A juventude, como "organismo", como "corpo social", como "força de pressão", como "pastoral de juventude", como "movimento de jovens" não faz muito que apareceu na sociedade. O termo "pastoral de juventude" foi usado pela primeira vez, pelo CELAM, só em 1958. Foram os anos de 1960, portanto, que pariram aquilo que hoje entendemos como "juventude" em termos sociais e pastorais. Descobriu-se que não só se vive a juventude biológica e psicologicamente, mas que a gente pertence à

juventude de modo sociológico. A consciência disso, para a sociedade e a Igreja tonteada pelo poder, é algo muito perigoso.

Basta observar, por isso, o que sucedeu com a juventude da América Latina na década de 70 e 80. Pode-se dizer que foi a juventude, mais do que ninguém, que encarnou com toda a radicalidade, o sonho socialista de terceiro mundo e que foi a juventude (não somente os jovens) que colocaram em cheque a estrutura capitalista secular, e por que não? — a própria estrutura carunchada da Igreja e da família. Faltami estudos mais aprofundados que pesquisem esta matéria, isto é: qual a contribuição da juventude na renovação da Igreja? Parece que a opção preferencial pelos pobres, com toda sua carga bíblica e teológica, fez esquecer que a maioria pobre é jovem que se pode tornar uma juventude empobrecida assumindo em comum bandeiras que — na visão global de um homem novo só podem ser assumidas pela juventude.

O que se verificou, por isso, dentro e fora da Igreja, é que surgiu e ferveu, nas décadas de 60 a 80, um tipo de militante com características bastante definidas. Ele é racional, capaz de longas e profundas análises de conjuntura; ele é alguém carregado pela utopia, sonhando de corpo inteiro a sociedade socialista sem exploradores nem explorados; ele é radical no sacrifício pela causa coletiva ostentando com orgulho as insígnias de Che Guevara, Fidel e Camilo Torres; embora usasse ca-

misetas dizendo que "no hay que perder la ternura jamás" não tinha tempo para refletir questões afetivas porque a revolução urgia e a vitória já o esperava de braços abertos na esquina do "já". É o militante apolíneo, capaz de ficar sentado, horas e horas, discutindo as estratégias para conquistar este ou aquele espaço de poder. Não havia nada que o segurasse: nem a repressão policial nem o controle ideológico. As montanhas da América Latina guardam muitas destas histórias de guerrilheiros. Ele é articulador; ele é político; ele vibra com a organização. Ele é o militante apolíneo.

Todas as pastorais comprometidas da Igreja nasceram sob este signo: da Pastoral da Terra até, já na década de 80, à Pastoral de Juventude. Foi a época da fundação do PT e da CUT, foi a época dos últimos liberados da Ação Católica, foi a época dos grandes feitos da UNE com a música popular e o teatro de arena, foi a época que deu mártires à Igreja, foi o tempo em que os jovens católicos, por garra e dinamismo próprios, foram construindo a Pastoral de Juventude do Meio Popular, Pastoral Universitária, rejeitando experiências espirituais com forte esquema emocional; foi a época em que a Pastoral de Juventude arranca de seus pastores a licença para recomeçarem, novamente, com a experiência dos "liberados". O grande desafio com que assaltaram a Igreja com seus mais variados agentes e nas situações mais arrepiantes era a questão do relacionamento de fé e política. Como se escreveu e se falou sobre essa matéria! Apesar dos anátemas, a onda avançava e amadurecia a sociedade e a Igreja.

Parece, no entanto, que o signo deste militante apolíneo, no final da década de 80, começou a entrar em baixa. A maneira de olhar o mundo e a militância sofria profundos reparos. Quem se arrasta por aí, adquirindo, dia por dia, mais adeptos, é outro tipo de militante: o militante dionisíaco. Agrada-lhe o corpo, a dança, o rock; assume a causa das minorias que nunca tiveram vez como o negro, a mulher, o homossexual e o índio. Não se preocupa com vastas utopias; interessam-lhe pequenas e imediatas lutas, procurando sentir o prazer de sua conquista. Parece que o deus do vinho invadiu o palco da vida. O militante dionisíaco não é alienado; quer viver, intensamente, na totalidade de seu corpo, a gana da luta. Não se satisfaz com o prazer do sonho; quer sentir de perto o corpo que conquista mais justiça. Irrita-o a destruição da natureza porque destruir a natureza é roubar-lhe não só a vida, mas também o prazer de gozar aquilo que lhe foi dado para gozar. É o militante dionisíaco que ainda não se revelou de corpo inteiro.

Se o grande desafio que o apolíneo trouxe à Igreja foi o relacionamento de fé e política, o questionamento que o militante dionisíaco está pondo, na arena das pastorais e da teologia, é um monstro com o qual a Igreja sempre teve dificul-

dade em lidar: o corpo e o prazer, sem deixar de lado, também, a questão do poder. Muita camisa vai ser suada, ainda, nesta arena cujo palco apenas acabou de ser montado. É o jovem levando a Igreja a não se fechar ao novo. Por isso que, mesmo na Pastoral de Juventude, já se fala não somente de juventude mas de "juventudes". Para a massa não agradam discursos com cheiro de pólvora. Qual o tema com mais atualidade, junto ao jovem, do que a afetividade e a sexualidade? Esperemos que, como na questão "fé e política", a Igreja, como um todo, cresceu muito, a questão do prazer e do corpo também empurrem a Igreja, como um todo, a ser uma doadora de vida e não de repressão.

III. O JOVEM SENDO IGREJA

Sempre houve e há, contudo, uma minoria de juventude que procura ser Igreja de forma organizada e orgânica. Há jovens que são Igreja (e muitos), mas não como juventude. Na comunicação que o assessor nacional da Pastoral de Juventude fez aos bispos do Brasil reunidos em Itaici, no início de maio de 1992, o assessor fala de 36.000 grupos de jovens articulados na Pastoral da qual é o assessor. É claro que nestes 36.000 grupos não estão muitos jovens que vão à Igreja, confessam e comungam. É que, na dimensão da fé, não descobriram que precisariam, talvez, ser também "juventude", inscrevendo-se não só numa categoria social mas nalgum "corpo juvenil de fé" que o levasse a ser o cidadão que o mundo precisa com

sua teologia e sua mística. Há, por isso, uma diferença muito grande em lutar e batalhar para que o jovem frequente os sacramentos e reze e conseguir que, livremente, o jovem se torne "juventude" na dimensão da fé. Para ser juventude, nesta perspectiva, o jovem precisa reunir-se, articular-se e organizar-se.

É de ficar admirado observar como o jovem não tem catecismo, e como o jovem precisa — por própria conta e raça — descobrir seu processo próprio de amadurecimento na fé, definir sua espiritualidade, encontrar sua pedagogia e, até, sua melhor forma de organização. Parece que muitos grandes teólogos e pedagogos da fé não se deram ainda conta disso. Não há dúvida que as CEBs têm os seus teólogos e muito bons teólogos — na reserva, entrando em jogo toda vez que se faz necessário. E o que sucede com a Pastoral de Juventude? Quem elabora sua teologia? Quem amadurece sua pedagogia? Quem lhes ajuda a descobrir como se evangeliza o jovem a partir do próprio jovem? É claro que há, neste momento, muitos agentes pastoralistas que procuram colocar-se a serviço e fazer este trabalho de elaboração. O que é um fato, no entanto, é que na Pastoral de Juventude, o caminho se faz ao andar. Uma elaboração contínua, em mutirão, como há na Pastoral de Juventude, é difícil de encontrar em outra pastoral. Não há os "doutores"; o que há são agentes que, no contato vivo e terrivelmente transitório com a juventude, vão sistematizando provisoriedades que ajudam, hoje, e precisam ser revistas amanhã.

Foi com a Ação Católica que, de modo decisivo, o jovem aprendeu a ser juventude na Igreja e a sentirse, ele mesmo, construindo Igreja. A descoberta foi tão importante e tão pegante que meteu medo. Podese afirmar, apoiado na história e na pedagogia, que uma das grandes escolas de formação da juventude (na dimensão da fé) é sua própria organização. É a formação na ação, como falava a Ação Católica, e como acredita, hoje, a Pastoral de Juventude. É nesta questão que se trai, por exemplo, o modelo de Igreja que alguém vive. Por que as pessoas relacionadas com encontrismos e, até, movimentos, têm tanta dificuldade em articular-se com a pastoral orgânica, e também, com a Pastoral de Juventude? Será simplesmente porque a Pastoral de Juventude não presta e não reza ou porque, na Pastoral de Juventude, pela metodologia que se usa, se deve ter outra visão de poder, outra visão de engajamento, outra visão de jovem transformado em juventude? O que sucede mais do que se pensa é que em iniciativas muito piedosas e muito bem boladas para o jovem, não se acredita no jovem como protagonista de sua história. De maneira florida quer-se dar hegemonia ao trabalho para os jovens e não ao trabalho com.

Qual é a questão de fundo mais importante que, neste momento, novamente está em debate na Pastoral de Juventude do Brasil? A questão da organização, uma questão que,

em algumas esferas eclesiásticas, nem se discute... Quando, em 1983, no quarto encontro nacional, se aprovava a prioridade que defendia uma Pastoral de Juventude por classes sociais e não uma Pastoral de Juventude por meios específicos, estava-se discutindo uma questão muito séria, até escandalosa, também na dimensão da fé, embora esta fé se encontre borrifada de lutas pelo poder, de lutas ideológicas e de rejeições de outras coisas. Há quem pense que é muito melhor não discutir estas coisas e continuar impondo, pelo poder, aquilo que não coloca em cheque meu próprio poder porque estamos convictos que a decisão deve estar conosco, isto é, na forma que eu pensei ou herdei, mas não naquela que brota do chão da descoberta de pessoas cuja história elas é que devem assumir. O "encontrismo" dos anos 70 e próprio encontrismo de hoje em dia, que tipos de cidadãos já foi capaz de formar? Pessoas que continuam na defesa do "status quo" ou pessoas que são capazes de sonhar um mundo de Justiça desejado por Deus? Fica-se no campo próprio e não se é capaz de jogar no campo dos outros porque as regras, talvez, não sejam as mesmas, isto é, o modelo de Igreja é diferente, o modelo de sociedade é diferente e o tipo de militâncias que se propõem para as lutas que se fazem necessárias é outro.

A Pastoral de Juventude começou a se articular, de fato, a nível nacional, há nada mais que 9 anos. Ela é jovem, mas como mexeu na

sociedade e na Igreja! Há encontros que só mexem na Igreja, deixando de lado a questão da sociedade. Quando se fala de evangelização da juventude não se fala da conquista de mais alguns para a freqüência dos sacramentos; fala-se da conquista de muitos jovens para serem cidadãos de um mundo que coloque em prática os valores do Reino. Creio que essa é a proposta da Pastoral de Juventude, não só na teoria mas também no modo prático de se articular como juventude de fé. Para descobrir se os jovens, sendo Igreja, estão cumprindo a missão que lhes cabe não é, em primeiro lugar, questioná-los se vão aos sacramentos mas se assumiram, com os valores que descobriram no Reino, a sua missão de apóstolos no meio em que vivem como estudantes, trabalhadores ou desempregados. Enquanto não desconfiarem que a fé deles é para o mundo e não para a sacristia, não entraram, ainda, nas pistas do sonho de Deus.

Enfim, há jovens sendo Igreja em nossa sociedade? Sim, em todos eles que, como juventude, procuram construir o Reino com novidade juvenil. Para isso suceder com sempre mais acerto uma realidade que não pode ser esquecida é a própria memória histórica daquilo que já se caminhou. Talvez seja por isso que o assessor nacional, na comunicação ao episcopado brasileiro, repete as prioridades que os jovens, articulados com a pastoral orgânica, estão expressando neste momento: 1. metodologia e missão; 2. formação para o engajamento; 3. organização;

4. inserção da Pastoral de Juventude na pastoral orgânica.

CONCLUSÃO

Partíamos, no começo da reflexão, da campanha de assinaturas da Pastoral de Juventude para os jovens serem o tema da Campanha da Fraternidade. Dizíamos que a CF/ 92 tinha sido um "kairós" para a Igreja. No final desta reflexão cremos que a reflexão ou esta afirmação deve ser ampliada: a juventude, como tal, sempre foi e sempre deve ser um "kairós" para a Igreja. O assessor nacional da Pastoral de Juventude, na comunicação aos bispos, na assembléia de 1992 diz, aliás, que o tema "Juventude, Caminho Aberto" não deve ser só um tema, mas um programa. A juventude, como sacramento do novo, deve ser sempre a certeza da juventude da Igreja. Sem os jovens, sendo juventude, o risco de a Igreja ficar velha é enorme. Ser velho é estacionar e não ter lugar para o provisório. O jovem não é só uma idade; é uma idade que nos desafia sempre de forma nova. Alguém que não está aberto para quem vive na sua carne esta novidade, envelhece. Envelhece na sensibilidade para a Justiça, envelhece na moral, envelhece na teologia, envelhece na pedagogia, envelhece no corpo e se torna tão sentado, tão formal, tão certo nas suas certezas que a vida deixa de ser festa, e tão conservador que a dimensão revolucionária e a fome de transformação murcham, dentro el fora da Igreja. O

grande bem desta "Campanha" foi, talvez, o desabrochar dessa consciência. Somos um corpo movido pela juventude mas custa-nos reconhecer isso porque isso nos leva a aspectos de gratuidade evangélica difíceis de reconhecer. É como dizer que o "Reino está no meio de vocês" e vocês não o sabem. O jovem não quer muita coisa: ele simplesmente quer ser reconhecido e permitido que faça a sua história. O jovem não pede uma esmola para a sociedade e a Igreja. Por que não investir mais na juventude? Ele sempre deve ser a sobra de nossa dedicação? a sobra de nossos recursos? Em vez de sermos os donos, não poderíamos ser companheiros? Em vez de mandar, não poderíamos, também, obedecer?

QUESTÕES para a leitura individual do texto ou para o debate em comunidade:

- 1. Você concorda com o autor ao afirmar que existe uma desproporção muito grande entre o que a Igreja investe com as crianças e o que faz pelos jovens através apenas de um "encontrismo" inconseqüente?
- 2. No ambiente concreto onde você trabalha, que características apresentam os jovens que o autor define como "militantes dionisíacos", aqueles guiados pelo prazer?
- 3. Que questões de fundo, principais, referentes à Pastoral da Juventude (veja a terceira parte do artigo) são percebidas por você na realidade em que vive?

PARA FAZER BEM O RETIRO

Este é o título do Caderno 13 de Publicações CRB. Tem 72 páginas. Sua leitura propicia uma visão clara do que seja o RETIRO e de como fazê-lo bem.

Pe. Marcos de Lima, SDB Rio de Janeiro, RJ

- É viável se preparar para fazer bem o Retiro?

Sim. Não obstante o querer se preparar para fazer bem o Retiro ser uma GRAÇA e, portanto, sem mérito prévio algum de nossa parte, é viável se preparar para o Retiro. Sendo uma GRAÇA, manifestação do amor gratuito e salvador de Deus, não há preço para obtêla. É de graça. Deus, soberanamente livre, dá a quem quer, sem estar atado a nenhuma contingência ou estrutura humana. É dom. Não é conquista. É eleição divina livre, imprevisível, gratuita. De graça Deus se dá. Mistério profundo. Algo obscuro, secreto, incompreensível à razão. Sabedoria divina inacessível à criatura. TUDO depende de Deus. É GRAÇA. Mas

ele não faz por nós. Deus não é nosso suplente. É nosso aliado. Ele faz em nós. Faz a partir de nós. Quer fazer conosco. Ele não dispensa a nossa atuação à hora de sua gratuidade. O mistério é a manifestação do divino no humano ressaltando a unidade que daí resulta. Toda sabedoria humana aqui se torna vã. Só Deus realiza maravilhas assim.

- Como é sério este assunto!

De fato.. Tudo na vida humana é assim: oferta de Deus e trabalho nosso. Dom de Deus e responsabilidade nossa de acolhê-lo e traduzilo na vida. Este mistério real: dom de Deus e aceitação ou rejeição nossa, acompanhará sempre a nossa história individual e sócio-

cultural. Eu plantei. Apolo regou. Mas só Deus faz crescer (1 Cor 3,6). O Retiro é oportunidade para se pensar nisto; para cada um iluminar com a fé decisões pessoais em projeto ou já tomadas.

— Afinal, a gente pode ou não pode se preparar para fazer bem o Retiro?

Sim. Cada um pode e deve se preparar para fazer bem o Retiro. São Paulo nos garante: nossos "cansaços e trabalhos não são inúteis no Senhor" (1 Cor 15, 58). A graça, que o Retiro é, pressupõe a natureza para redimi-la. É uma ajuda. Não a sufoca. Não a nega, a reafirma. Dá testemunho dela, a eleva e enriquece. A natureza quer ser ativada e "aditivada" pela graça. Sem a natureza, a graça não se sustenta, desamparada de seu apoio indispensável. Graça e natureza não são uma justaposição de opostos. Preparar-se, portanto, para fazer bem o Retiro. Cada um pode fazer muito mais do que pensa para acolher, assimilar e multiplicar o dom de Deus que é o Retiro.

— O silêncio é importante no Retiro?

O Retiro se dá entre Deus e o Retirante. Entre Deus e Você. De modo eminente, uma relação interpessoal. Nestes dois pólos — Deus e o Retirante — o Retiro se esgota. O silêncio é a resposta essencial ao mistério de Deus. O Retirante escuta e perscruta o silêncio como

quem decifra um oráculo. O silêncio, então, se aprofunda e se difunde. Não pensa, não fala, não imagina Deus. Busca penetrar plena e pessoalmente no seu mistério. Numa atitude indizível, cai de joelhos e faz o coração vibrar e cantar melodias e acordes que brotam do silêncio. Um compromisso com o silêncio no Retiro é o primeiro passo para se encontrar a paz, para se mapear os caminhos que melhor conduzem a Deus, para se aproximar das próprias raízes. A raiz é sempre silenciosa. Quietude vigilante, um estado de não distração. Estado: uma condição a se alcançar ou já alcançada, sem temer suainércia. Uma atitude de plena atenção e concentração. No Retiro, o silêncio é a palayra.

- O que fazer, então, no Retiro?

No Retiro, a atividade essencial, o estado de espírito natural do Retirante é rezar, rezar, rezar. Uma intensa vida de oração não leva à fuga para o intimismo ou a um refluxo para a esfera do subjetivo. Manifesta, ao contrário, uma plena e integral vida cristã. A oração é a base insubstituível para ser autêntico, para se ter força de sobreviver às dificuldades, para não se deixar afogar nas amarguras e ressentimentos, nas tensões, nas polêmicas. A reforma da Vida Religiosa se dará na medida da ênfase que se der à oração e no compromisso sério e diário de cada um com ela. Oração: alimento e expressão da fé. A fé, único caminho de acesso a Deus. Em toda a natureza, o crescimento e o amadurecimento ocorrem do centro para fora. Pelo centro é que se começa. Nossa origem, nosso centro é Deus. Retiro, tempo por antonomásia, para se viver esta verdade.

— Qual a principal oração do Retiro?

A Eucaristia. Expressão viva da fé. Centro natural do Retiro. Fonte da piedade pessoal. Alimento da oração de todos. A expressão eclesial mais perfeita da oração comunitária. Nunca fazer uma cerimônia vazia de pompa, de celebração, de mística, de majestade, ou seja, meramente formal e ritualistica. Imprimir à Missa o tom solene que ela merece. Tirá-la do cotidiano rotineiro. A forma de rezar traduz a forma de crer. Por esta razão, aprofundar, cada dia, a necessária relação entre a celebração eucarística e a vida.

— E a oração mental?

Impensável a Vida Religiosa se não se consagra, diariamente, algum tempo, pela manhã e à noite, a esta atividade contemplativa. Uma peregrinação ao centro de si mesmo. Vincular-se e revincular-se ao centro do próprio coração. Romano Guardini dizia: o coração é o espírito que o sangue tornou ardente. Os lábios não rezam se o coração não falar. Oração mental: uma aplicação mais enérgica e mais metódica do espírito. Um trabalho de assimilação do que o olho leu,

o ouvido escutou, a memória guardou. Dar um caráter mais pessoal à própria fé. Não só isto, mas, sobretudo, repousar nas profundezas do próprio ser. Aprender a sentar em profundo silêncio. Fechar os olhos para o visível e abri-los para realidades outras invisíveis. Deixar de lado os próprios pensamentos, idéias, imaginação e procurar ES-TAR com Deus-Pai, com Jesus Cristo, com o Espírito Santo. Estar nesta presença é de todo e em tudo o suficiente. Um mergulho e uma inserção na infinitude de Deus pelo Espírito que habita em nós. Encontrar a fonte e o sentido do próprio viver. É convite a um amor cada vez maior. Tudo isto é válido para cada dia da vida, a fortiori, para cada dia do Retiro.

— Que importância dar à televisão no Retiro?

Sem embustes e sem ambages, inconcebível o uso da televisão no Retiro. Não tem amparo, a título algum, na escala do que se sabe. Se ela for utilizada, a situação é uma sombra e, se iluminada, um escândalo. A televisão e os demais meios de comunicação social são um desafio frontal ao espírito do Retiro. Há uma estrutural inadequação, uma incompatibilidade substantiva entre TV e Retiro. Oitenta por cento da programação são um lixo colorido, uma mistura de sexo, violência, crime, subliteratura, em geral, moral e intelectualmente, esquálida. A TV não devia ser colorida mas vermelha...

de vergonha! Com relação ao Retiro, todos os meios de comunicação
social são um invencível ruído, mas
sobretudo a TV. Chegou-se, agora,
parece, ao que se chama situaçãolimite com um labirinto de redes,
seus truques eletrônicos, a maquiagem dos problemas, a limitação do
debate, a superficialidade transformada em dogma imutável. Nada
disso ajuda a cada um se defrontar com as intenções, os apelos e
as interpelações de Deus.

— O Retiro, então, é um desligamento total, uma alienação?!

Sim, sem dúvida alguma. É um afastamento que não significa isolamento mas ganhar altitude, ver as pessoas e as realidades todas de frente, à luz de Deus. Entrar na esfera de Deus sem se distanciar dos problemas e das angústias humanas. Para mais AÇÃO sua, exige-se maior CONTEMPLAÇÃO. Para se derramar transbordando é mister pré-encher-se. Quanto mais profundamente se mergulha em Deus, mais longe se vai na dedicação aos homens. Quanto mais mergulhados em nossos planos, menos veremos os planos de Deus.

— O Retiro requer disciplina?

Sim. Para Fazer Bem o Retiro será preciso certa disciplina, isto é, respeito a regras e posturas elementares de convivência. Cada um leva consigo certo instinto anárquico congênito. Gostamos de ser livres. Por isso, qualquer limitação à liberdade: leis, normas, regras,

disciplina, obrigações que unificam o comportamento e gerenciam expectativas para existir paz e harmonia, nos pesa e, não raro, nos amargura. Essencialmente, liberdade é o direito de fazer tudo o que a lei permite. Viver em sociedade sem aceitar parâmetros objetivos — leis e valores — surgidos por consenso, é utopia. Tudo isto vale para o Retiro. Precisamos de disciplina para sermos livres. Livres em relação às coisas, aos desejos, ao pecado. Livres, sobretudo, para a união íntima com Deus que o Retiro propicia.

— O Retiro não se reduz a um parêntese em nossa vida?

Absolutamente NÃO. O Retiro é exercitação para a vida. Tempo para se chegar à determinação de escolhas radicais na orientação teologal da própria vida. Compromisso com a profundidade e o afastamento de abordagens superficiais da vida. As suas atividades vão estar presentes. Podem estar presentes e serem parte do seu Retiro, pois a sua contemplação pode ser e, realmente precisa ser, semente e alma de sua missão. A cabeça pensa onde os pés pisam. Esta é uma situação tensional. Você precisa de solidão insular e a deseja. Você necessita, outrossim, da comunhão com os irmãos, a vida em sociedade, onde Você exerce sua liberdade responsável e realiza sua vocação. Cada um apreende a vida assim: dialeticamente. O Retiro não desfaz esta contingência. Reconhece-a e, sem solução ainda, quer interiorizar a riqueza de sua autonomia e sua unicidade pessoal irrepetível privilegiando seu encontro consigo mesmo e com o Criador, como meio adequado de ampliar e aprofundar as dimensões sociais onde Você se individualiza e se personifica.

— Que relevo tem o pregador do Retiro?

O Retiro é ou se apóia neste tripé: um tempo de ESCUTA pessoal da Palavra de Deus. Um tempo de REFLEXÃO pessoal sobre a Palavra de Deus. Um tempo de CON-VERSÃO pessoal. Aceita esta premissa, o pregador terá tanto maior relevo quanto mais capaz se revelar em ajudar o Retirante a passar, com perfeição, por estes pontos referenciais. O pregador não é, portanto, um participante marginal. Ele é um mediador que cria condições para orar, silenciar, ouvir, adorar, abrir-se e se dispor para aceitar o dom de Deus. Busca sempre OTIMIZAR os objetivos fundamentais. Quanto mais convergentes a ação do pregador e o tripé constitutivo do Retiro, mais eficaz e produtivo este será. Ao contrário, a divergência entre a ação do pregador e os objetivos fundamentais do Retiro pode anular ou neutralizar as suas consequências. Se coubesse, eu diria: o Retiro é um complexo jogo estratégico. Será preciso pensar os "jogadores" como eles são; buscar reações cooperativas, ao máximo, e resistentes, ao mínimo. Seguir sempre o movimento tendencial.

— Em síntese, o que seria o Retiro?

"Moisés falou ao povo dizendo: ESCUTA a voz do Senhor teu Deus. GUARDA todos os seus mandamentos e preceitos que estão neste livro e na lei. E VOLTA ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e com toda a tua alma" (Dt 30, 10-14). Escuta... Guarda... Volta... de todo o teu coração e com toda a tua alma. CORAÇÃO: a pessoa na profundidade de seu ser. ALMA: a vitalidade da própria vida. Coração e alma: a pessoa inteira: suas múltiplas potencialidades, todos os fenômenos fisiológicos e psicológicos. As realidades todas, desde as mais profundas que não sobem à sueprfície com facilidade até as epidérmicas e periféricas. Coração e alma, assim entendidos, escutar, guardar, voltar. Converter-se. Mudança irreversível como expressão mais alta de uma vida crista levada a sério. Eis o Retiro, em síntese: um TEM-PO de escuta pessoal da Palavra de Deus. Um TEMPO de reflexão pessoal sobre esta Palayra. Um TEMPO de conversão pessoal. Em outras palayras: um tempo CRO-NOLÓGICO, quantitativo, de escuta, de reflexão, de conversão. Ele começa e acaba. E um tempo KAIROLÓGICO, qualitativo, de escuta, de reflexão, de conversão. Tempo que se deve agarrar, sem falta, e vivê-lo, com força, sob pena de desperdiçá-lo sem perspectiva de volta. Retiro: tempo real para se mudar e se adaptar a tempo a uma nova realidade espiritual.

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

CONVERGÊNCIA, ANO DE 1992

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1992. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.

Ir. Yolanda Nascimento, MJC Rio de Janeiro, RJ

ALMEIDA, Irmã Rosângela F.S. de, ASCJ; MAÇANEIRO, Fr. Marcial, SCJ; JUSTO, Irmã Rita de Cássia, ASCJ — Perspectivas dos jovens diante da Vida Religiosa. Testemunhos	252/200
ANTONIAZZI, Pe. Alberto — Como repensar a Pastoral face aos desa- fios da modernidade?	249/40
ASSIS, D. Raimundo Damasceno — Processo de preparação da IV Con- ferência Geral do Episcopado Latino-Americano, da parte do CELAM	256/462
AZEVEDO, Marcello de C., SJ — Dinâmicas de transformação da Vida Religiosa	249/28
- Educação no Brasil. Áreas prioritárias de mutação cultural	250/108
- Educação Popular. Intuições, Tensões e Desafios	252/233
- O celibato pelo Reino: solidariedade com os abandonados	258/583
BARBOSA, Maria Elci S. — Juventude, caminho aberto BARCHIFONTAINE, Pe. Christian de Paul de, Mi — Conjuntura política	
e saúde	250/79
flexões sobre sua identidade profética e carismática	255/419
BELO, Frei Athaylton J.M.; SANTOS, Frei Damião dos; ALVES, Frei João Muniz; OLIVEIRA, Frei Pedro de — V Encontro de Francis-	251122
canos Negros do Brasil (Informe da CRB)	254/323
África (Informe da CRB)	258/579

BOFF, Irmã Lina, smr A Igreja Populàr rumo a Santo Domingo	251/131
BRASILEIRO, Ir. Magda, FH — II Encontro Inter-Regional de Forma- dores(as) (Informe da CRB)	252/199
CALIMAN, Pe. Cleto, SDB — Elementos para uma Teologia da Edu- cação	251/166
CANSI, Frei Bernardo, OFMCap e CRUZ, Therezinha M. L. — Uma Catequese rumo a Santo Domingo	252/244
CLAR — Mensagem da XXV Reunião Diretiva da CLAR aos Religiosos e Religiosas da AL (Informe da CRB)	255/387
Subsídios para os Delegados da Vida Religiosa em Santo Domingo	256/494
CNBB/SETOR JUVENTUDE Pastoral da Juventude no Brasil: situa- ção e perspectivas	257/567
CNBB/30 ^a AGO — 1992 — Contribuição para a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano	255/394
COMBLIN, Pe. José — Igreja, Missão e Religiosos	252/214
CORAZZA, Ir. Helena, FSP — Jesus Cristo, comunicador do Pai CRB — Carta do Seminário sobre a Mulher Consagrada às Religiosas	258/607
do Brasil (Informe da CRB)	250/70
— Encontro "Tua Palavra é Vida", Belo Horizonte, MG. 10 a 14 02/1992 (Informe da CRB)	252/195
 Lembranças da Visita do Papa ao Brasil (Informe da CRB) 	250/76
Objetivo Geral da CRB para o triênio 1992-1995 (Informe da CRB)	256/451.
CRB/CRIMPO — 7º Seminário Nacional do CRIMPO (Comunidades Religiosas Inseridas nos Meios Populares) da Argentina (Informe	
da CRB)	250/74
seus discípulos	254/369
mação inicial	251/184
minário Nacional de Instituições de Saúde (Informe da CRB)	250/71
CRB/JUSSOL — Dois Seminários sobre Justiça e Solidariedade (Informe da CRB)	250/67
CRB/XVI AGO — VALLE, Pe. Edênio, SVD — Discurso de abertura da XVI AGO (Informe da CRB)	256/452
- Telegramas e mensagens da XVI AGO (Informe da CRB)	256/459
 XVI AGO elege novas Diretorias (Informe da CRB) Declaração da XVI Assembléia Geral Ordinária da CRB sobre 	256/458
a situação Nacional (Informe da CRB)	256/458
DICK, Pe. Hilário, SJ - Os jovens e a Igreja	258/622

enzweiler, ir. Mª Angelina, ICM — Relatório sucinto da Assembleia da UISG — 1992 (Informe da CRB)	255/389
FOLTRAN, Ir. M. Olivete Tomazelia — Missionárias de Ação Paroquial	
em Angola (Informe da CRB)	254/327
FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA — II Enfoca — Encontro	
de Provinciais e Formadoras do Continente Americano (Informe da CRB)	254/326
GHISLENI, Ir. Mª Augusta, FSCJ — I Congresso da Juventude da Vida	,,
Religiosa no RS (Informe da CRB)	255/391
GUARESCHI, Pe. Pedrinho A. CSSR - Evangelização - Cultura -	
Vida Religiosa	257/531
HORTAL, Pe. Jesús, S.J. — Dependência e autonomia dos Institutos	
de Vida Consagrada	253/302
IRMÃS DA PROVIDÊNCIA DE GAP - 200 anos de João Martinho	
Moye (1793-1993) (Informe da CRB)	256/460
IRMÃZINHAS DE JESUS — O encontro com o outro como experiên-	249/23
cia de fé	249/23
IVERN, Pe. Francisco, S.J. — Quais as nossas prioridades? Quais os nossos valores?	257/545
KRAUTLER, Dom Erwin, CSSP — Jesus Cristo: Ontem, Hoje e Sempre	254/353
LEERS, Frei Bernardino, OFM — Santo Domingo e seus riscos	256/477
LIBÂNIO, J. B., SJ — Missão da Vida Religiosa no momento atual	251/151
LORSCHEITER, Dom Ivo - Oitavo Encontro Intereclesial de CEB'S	
(Informe da CRB)	254/329
MAÇANEIRO, Fr. Marcial, SCJ — O Coração de Cristo e a Esperança	253/313
MARESCHI, Irmã Rosa, mc - Encontro Missionário (Informe da CRB)	252/196
MARIN, Pe. Darci Luiz, ssp - O clamor dos empobrecidos chegará	
a Santo Domingo?	252/227
MATTOS, Frei Luiz Augusto de, OSA — Saúde Comunitária no nosso	2-2/22
contexto. Enfoque Ético-teológico	250/83
- Serviço do(a) Religioso(a) nas instituições hospitalares	257/558
MEDEIROS, Fr. Tito Figueiroa de, O. Carm.; MACEDO, Fr. Romualdo Borges de, O.Carm.; MARASSI, Ir. Maria Angélica, O.Carm. — Uma	
Liturgia Carmelitana e Latino-Americana? (Informe da CRB)	253/259
MEES, Madre Ilze — A representante das Religiosas, Me. Ilze Mees	*
saúda o Santo Padre (Informe da CRB)	249/3
MESTERS, Frei Carlos, OC - Eclesialidade e Missão. Reflexão a partir	10.01
da Bíblia	255/430
MIRANDA, Pe. Mário de França, SJ — Nova Evangelização, Promoção	050 (100
Humana, Cultura Cristã. "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre"	256/468
MOSER, Frei Antônio, OFM — Ecologia: perspectiva ética	250/112 253/282
THE PROPERTY OF THE PROPERTY O	E-14111 (-116

MUELLER, Irmã Maria Sônia, SSPS — O Espírito Santo protagonista da Missão	254/377
NASCIMENTO, Ir. Yolanda, MJC — Índice Alfabético NEIVA, A. Torres — Irmãos Leigos para um tempo novo	258/637 252/252
OTTEN, Pe. Alexandre, SVD — Revisão da espiritualidade e da missão	}
à luz da modernidade e da opção pelos pobres	249/17
Vida Reigiosa	257/515
são Missionária	253/267
cação, Igreja e Sociedade	258/602
nômades	254/330
RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS — 250 anos de Fundação (Informe da CRB)	254/328
ROY, Ana, AS — Como pôr o mundo moderno em contato com as energias vivificantes do Evangelho	249/6
SILVA, Pe. José Pedro da, SX — Uma mística missionária para um qualificado serviço "Ad Gentes"	253/277
SUESS, Pe. Paulo — Missão e História	254/341
VALLE, Pe. Edênio, SVD — Curso de Pedagogia: habilitação em Edu- cação Popular	255/445
Polarizaçções e ênfases da Vida Religiosa no contexto da XVI AGO	258/592
VIDALE, Irmã Maria — Da Igreja do Brasil em Missão, à Igreja no Brasil: Testemunhos Missionários	253/294

Em nenhum outro lugar se revela com tanta evidência o sentido de nosso pecado como negação e antinomia de um dinamismo de busca de Deus e tendência à santidade como ao longo do caminho do Calvário e aos pés da Cruz (Pe. Marcos de Lima, SDB).

r r

the state of the state of the state of

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL: CRB



NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ 1 de dezembro de 1992

BOAS FESTAS! FELIZ NATAL!

Dócil à ordem imperial, em busca do sítio do seu clā ancestral, JOSÉ, figura envolta na sombra, humildade e silêncio, deixou Nazaré e subiu à Judéia. MARIA, sua esposa, grávida, o acompanha. Mulher rica de virtudes ocultas, na aparência, porém, igual a tantas outras Marias. Viajaram cinco longos dias, por estradas mediocres, a passo manso de burrico. Caminharam cento e cinqüenta quilômetros, revivendo o ideal nômade de seus antepassados, de povoado em povoado: Esdrelon, Gilboé, Samaria, Garizim, Silo, Betel, Jerusalém e, duas horas depois, BELÉM, o lugar do nascimento do grande rei. Maria e José abrigam sua jornada fatigada numa gruta, recanto amparado das correntezas de ar. Aí, Maria deu à luz seu filho primogênito JESUS. Lá fora, noite límpida e fria que afaga nosso desejo de sonhar.

BOAS FESTAS! FELIZ NATAL!

JESUS nasceu. Chegou para a humanidade o seu Salvador. Maria, sozinha, por suas mãos, enfaixa e deita Jesus. Deus-Menino dorme nas palhas de um estábulo. Pungente singeleza. Evidência sobrenatural. Despojamento que produz iluminações. Anjos cantam e prometem paz e proteção divina porque DEUS está no meio de nós. JESUS é a luz da esperança realizada posta à frente de nossos olhos. além da linha imaginária da nostalgia, aquém do sortilégio de uma imaginação prodigiosa, mil recordações acordam e povoam nossa consciência, este espaço interior e esta zona mais secreta de nossa memória. Imagens de um reino de encantamento que despertam em nós um coração de criança. NATAL, tema imutável, impresso na medula de nosso sangue. Sentimos contrair-se de ternura o coração. A emoção nos invade. De alegria choramos. E cantamos. Ninguém consegue abafar à emoção desta felicidade.

Noite Feliz! Como nós, JESUS nasceu entre nós. Saboreie, então, o gosto e o realismo da própria fé em relação a Ele. Há entre nós e Ele um liame de parentesco, uma solidariedade de carne, osso e sangue, uma fraternidade inefável. Impossível continuar como se nada houvera acontecido. **JESUS** é o centro, o cerne, o núcleo, a referência, a pedra angular. Quem ouve e pratica suas palavras constrói sobre esta rocha. Ele é a lealdade que não nos abandona. Ele é o mais forte. Não há motivo para temer. Ele aplaca e amansa o mar quando a proa de nosso barco rasga o rebojo das ondas. Quem ficar do lado dele vai vencer, vai viver, vai sobreviver. Vai ter a paz. Ele é a nossa paz. Ele é TUDO. Nele transparece a face do próprio Deus. Ele é o nosso Deus e Salvador.

BOAS ENTRADAS! PRÓSPERO 1993!

O tempo flui inexorável e irreversível. **Terminou 1992.** Um patrimônio incorporado às nossas saudades. Por esta etapa, a Deus uma gratidão que não tem fim. **Começa 1993.** Ao dar a partida, incerta, enigmática como todas as partidas, para um além do imediato e palpável, imprevisível e insuspeitável, lhe desejo o sentimento marcante da alegria de poder recomeçar, renovar e reconstruir com Deus e com o Filho de Deus, **JESUS**. Ele é o "Sol nascente", a "Estrela cintilante da manhã" (Apc 22, 16). Sua Mãe é chamada a "aurora da salvação" porque o precede e prenuncia. Com estes sinais siderais, 1993 se transfigura e se transverbera. E graças a eles, o **ANO NOVO** só pode ser feliz. A luz de Cristo ilumine os seus passos.

Boas Festas! Feliz Natal! Próspero 1993! O espírito do Natal é fé. Não se cansar da caminhada a pé. A alegria do Natal é esperança. Não perder o ritmo da dança. O coração do Natal é o amor. Prosseguir sempre seja lá como for. Que se aqueça o nosso coração. Que se abram as nossas portas para receber este dom de Deus que vem renovar diariamente a nossa vida. Assim seja.

DEUS, de quem todo **DOM** perfeito provém, o abençoe e o guarde são e salvo; volva para Você seu rosto de olhar sereno e lhe conceda a bênção, o perdão e a paz. **MARIA**, Mãe de Deus e nossa, também, intervenha por nós. Amém. Com estima e afeto no Senhor,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB